

LUDWIG VON MISES

Sobre  
dinheiro e  
inflação



VIDE EDITORIAL

LUDWIG VON MISES

# Sobre dinheiro e inflação



VIDE EDITORIAL

E-book produzido por Monkey Books.

Tenho mais de 150 e-books produzido em formato EPUB, compartilhado em diversos sites de arquivos como DOCERO, ZLIBRARY, eLIVROS, etc. Caso queira, ajudar esse produtor de e-books...

Entre em contato para a lista total dos ebooks e doe para continua esse trabalho.

GRATO E APROVEITE A LEITURA!!!!

CONTATO, PAYPAL E PIX PARA COLABORAÇÃO:  
[monkey.booksbra@gmail.com](mailto:monkey.booksbra@gmail.com)

## Introdução

Após o estabelecimento da Fundação para a Educação Econômica (FEE) em 1946 Ludwig von Mises tornou-se conselheiro por meio-período, tendo exercido essa função até sua morte em 1973. Sempre que a FEE realizava um seminário em Irvington, se ele estava na cidade, ele dirigia para fora da cidade de Nova York, onde morava com sua esposa, Margit, para falar com os participantes. Seu tópico era frequentemente a inflação. Assisti a todas aquelas palestras, taquigrafando e depois transcrevi. Ocorreu-me que de oito a dez de suas palestras sobre inflação, proferidas nos anos de 60 poderiam ser integradas, com as duplicações excluídas, e transformadas em uma única peça. Daí este artigo.

Mises não gostava de ter seus comentários orais citados ou publicados porque, obviamente, eles não representavam o cuidado e a precisão que ele devotava a seus escritos. No entanto, não me parece que essas palestras, da forma como as editei, deturpem suas ideias de alguma forma. Além disso, revelam sua maneira despreziosa e o estilo simples e informal que usava ao conversar com os alunos. Ele frequentemente reformulava uma ideia de várias maneiras diferentes, repetindo-a para dar ênfase. Ele era frequentemente acusado de ser "simplista", de fazer os assuntos econômicos parecerem muito claros e simples, mas foi essa mesma abordagem que tornou possível para as pessoas, mesmo aquelas sem qualquer formação em economia, entender e apreciar o que ele estava dizendo.

*Bettina Bien Greaves*

# 1. Cooperação Humana

A cooperação humana é diferente das atividades que ocorreram sob condições pré-humanas no reino animal e entre pessoas ou grupos isolados durante as idades primitivas. A faculdade humana específica que distingue o homem do animal é a cooperação. Os homens cooperam. Isso significa que, em suas atividades, eles antecipam que as atividades de outras pessoas irão realizar certas coisas para trazer os resultados que almejam com seu próprio trabalho. O mercado é aquele estado de espírito sob o qual estou dando algo pra vocês esperando algo de vocês. Não sei quantos de vocês tem algum conhecimento vago ou noção do latim, mas foi um pronunciamento em latim há 2 mil anos que apareceu a melhor definição do mercado: *do ut des* - eu dou para que você dê . Eu contribuo com algo para que você contribua com algo mais. A partir daí desenvolveu-se a sociedade humana, o mercado, a cooperação pacífica dos indivíduos. Cooperação social significa divisão do trabalho. Os vários membros, os vários indivíduos, em uma sociedade não vivem suas próprias vidas sem qualquer referência ou conexão com outros indivíduos. Devido à divisão do trabalho, estamos conectados uns com os outros trabalhando para eles e recebendo e consumindo o que outros produziram para nós. Como resultado, temos uma economia de troca que consiste na cooperação de muitos indivíduos. Todo mundo produz, não apenas para si mesmo, mas para outras pessoas na expectativa de que essas outras pessoas produzam para ele. Esse sistema requer atos de troca.

Na cooperação pacífica, as conquistas pacíficas dos homens são efetuadas no mercado. Cooperação significa necessariamente que as pessoas estão realizando trocas de bens e serviços, os produtos dos serviços. Essas trocas geram o mercado. O mercado é precisamente a liberdade das pessoas de produzir, consumir, de determinar o que deve ser produzido, em qualquer quantidade, em qualquer qualidade e para quem esses produtos vão. Esse sistema livre sem o mercado é impossível; um sistema tão livre assim é o mercado.

Temos a ideia de que as instituições dos homens são (1) o mercado, a troca entre os indivíduos, ou (2) o governo, uma instituição que, na mente de muitas pessoas, é algo superior ao mercado e poderia existir na ausência do mercado. A verdade é que o governo - isto é, a opção à violência e

necessariamente a via da violência - nada pode produzir. Tudo o que é produzido é produzido pela atividade de indivíduos e é utilizado no mercado para receber algo em troca.

É importante lembrar que tudo o que é feito, tudo o que o homem fez, tudo o que a sociedade faz, é o resultado dessas cooperações e acordos voluntários. Foi a cooperação social entre os homens - e isso significa o mercado - que produziu a civilização e é o que trouxe todas as melhorias nas condições humanas que desfrutamos hoje.

## 2. O Meio de Troca: O Dinheiro

A definição de dinheiro é muito simples. O dinheiro é o meio de troca geral usado no mercado. O dinheiro, meio de troca, é algo que os indivíduos escolhem para facilitar a troca de mercadorias. O dinheiro é um fenômeno de mercado. O que isso significa? Significa que o dinheiro se desenvolveu no mercado e que seu desenvolvimento e funcionamento nada têm a ver com o governo, com o estado ou com a violência exercida pelos governos.

O mercado desenvolveu o que é chamado de troca indireta. O homem que não conseguia o que queria no mercado por troca direta, por escambo, pegou outra coisa, algo que era considerado mais facilmente negociável, algo que ele esperava trocar depois pelo que realmente queria. O mercado, as pessoas no mercado, as pessoas que organizam a divisão do trabalho e realizam o sistema em que um homem produz sapatos e outro produz casacos, criaram o sistema em que casacos podem ser trocados por sapatos, mas apenas praticamente por conta da diferença da importância e do valor, pelo intermediário do dinheiro. Assim, o sistema de mercado tornou possível que as pessoas que não conseguiam hoje o que precisavam, o que queriam comprar no mercado, recebessem, em troca do que trouxeram para o comércio, um meio de troca - isso significa algo que foi mais facilmente usado no mercado do que o que eles trouxeram para trocar. Com um meio de troca, os originadores da troca podem obter satisfação, finalmente, adquirindo as coisas que eles próprios desejam consumir.

O dinheiro é um meio de troca porque as pessoas o usam como tal. As pessoas não comem o dinheiro; eles pedem o dinheiro porque querem usá-lo para dá-lo em uma nova troca. E essa troca ou comércio só é tecnicamente possível se houver um meio de troca, um dinheiro, contra o qual ele pode trocar o que tem pelas coisas que deseja e precisa. Todas as doações e recebimentos mútuos que ocorrem no mercado, todas essas trocas mútuas que levam ao desenvolvimento do dinheiro, são realizações voluntárias de pessoas individuais.

Durante uma longa evolução, os governos, ou certos grupos de governos, promoveram a ideia de que dinheiro não é simplesmente um fenômeno de mercado, mas é tudo o que o governo chama de dinheiro. Mas dinheiro não é o que o governo diz. A ideia de dinheiro é ser um meio de troca; um

sujeito que está vendendo alguma coisa então tem a possibilidade de trocá-la na hora por algo que deseja levar outra coisa que ele pode trocar, numa próxima vez, pelo que queria. Essa “outra coisa” é um meio de troca, porque o homem que vendendo, digamos que, galinhas ou ovos, não consegue ou não pode obter diretamente o que deseja consumir, mas deve levar algo mais que ele usará posteriormente para conseguir o que precisa.

Se as pessoas dizem que o dinheiro não é a coisa mais importante do mundo, podem estar perfeitamente corretas do ponto de vista das ideias que são responsáveis pela conduta dos atos humanos. Mas se eles dizem que o dinheiro não é importante, eles não entendem o que o dinheiro faz. O dinheiro, o meio de troca, torna possível que todos obtenham o que desejam, trocando continuamente. Ele pode não adquirir diretamente as coisas que deseja consumir. Mas o dinheiro torna mais fácil para o indivíduo satisfazer suas necessidades por meio de outras trocas. Em outras palavras, as pessoas primeiro trocam o que produziram, por um meio de troca, algo que é mais facilmente trocável do que o que produziram; então, por meio de trocas posteriores, eles podem adquirir as coisas que desejam consumir. E este é o serviço que o dinheiro presta ao sistema econômico; Ele ajuda as pessoas a conseguir aquilo que querem e precisam.

### **3. O Papel dos Tribunais e Juizes**

A interferência do governo no mercado e no dinheiro ocorre apenas nos casos em que os indivíduos não estão preparados para fazer o que voluntariamente prometeram fazer. Tendo escolhido para si o campo em que deseja trabalhar, o indivíduo deve, para sobreviver, negociar ou renegociar o que ele próprio produziu, a fim de obter as coisas de que necessita para viver. Se as trocas são tais que nem todos dão e recebem os bens e serviços contratados ao mesmo tempo, podem surgir problemas. O valor e o significado das coisas que são dadas e das que são recebidas nunca são iguais ou idênticas, não apenas em tamanho e qualidade, mas também, o que é ainda mais importante, quanto ao período de tempo de entrega na qual a troca é efetuada.

Se as pessoas firmam um contrato, se ambas as partes decidem que algo deve ser feito imediatamente, não há, via de regra, razão para desacordo entre as partes. Ambas as partes na troca recebem imediatamente o que desejam adquirir pelo que dão. Todo o ato de troca é então concluído; não há mais consequências. Mas a maioria das bolsas não é desse tipo. Na realidade, existem muitas trocas em que ambas as partes não têm que entregar imediatamente o que são obrigadas a entregar. Se as partes de um acordo, de uma troca, desejam adiar a liquidação, a execução do seu contrato, podem surgir divergências de opinião, algumas diferenças de opinião muito sérias, quanto à correção de uma ou da outra parte. Traduzido da linguagem mais abstrata usada por advogados e economistas, quando chegar o momento, se essa promessa foi realmente executada corretamente de acordo com os princípios do contrato.

O dinheiro é um meio de troca, um fenômeno que se desenvolveu no mercado. O dinheiro é o resultado de uma evolução histórica que, ao longo de muitas centenas e milhares de anos, possibilitou o uso da troca por intermédio de um meio de troca. Dinheiro é o meio de troca geralmente aceito e usado; não é algo criado pelo governo; é algo criado pelas pessoas que compram e vendem no mercado. Mas se as pessoas não cumprirem seus acordos aceitos voluntariamente, o governo terá que intervir. E em qualquer interferência do governo, o próprio tem que descobrir, antes de interferir, se realmente houve violação de contratos celebrados voluntariamente. Esses

contratos são o resultado de acordos, e se as pessoas não cumprirem o que prometeram, é o Estado que deve interferir para impedir que os indivíduos recorram à violência. O governo é chamado a proteger o mercado contra pessoas que não querem cumprir as obrigações que têm de cumprir no mercado, e entre essas obrigações está a obrigação de fazer pagamentos em quantias de dinheiro definidas. Se alguém quiser apelar pela interferência do governo contra outras pessoas porque essas outras pessoas não cumpriram o que aceitaram voluntariamente como um acordo, então é dever do governo, dos tribunais, dos juízes, determinar o que o dinheiro é e o que não é. Agora, o que os governos fizeram, aliás fazem por milhares de anos, poderíamos dizer, um “não dinheiro”, ou algo que tem menor poder de compra. O mercado, a instituição social real, a instituição social fundamental, tem uma fraqueza terrível. A fraqueza não está na instituição do mercado, mas nos seres humanos que atuam no mercado. Existem pessoas que não querem cumprir o princípio fundamental do mercado - acordo voluntário e ação de acordo com acordo voluntário. Existem pessoas que recorrem à violência. E há pessoas que não cumprem obrigações que voluntariamente aceitaram em acordo com outras pessoas. No mercado, a instituição social humana fundamental não pode existir se não houver uma instituição que o proteja contra aquelas pessoas que recorrem à violência ou que não estão preparadas para cumprir as obrigações que voluntariamente aceitaram. Essa instituição é o Estado, o poder de polícia do Estado, de recorrer à violência.

Agora, a violência é uma coisa ruim. O fato de a violência ser necessária, imprescindível em algumas situações, como na solução de controvérsias sobre contratos, não faz da instituição que impõe a violência, do governo, uma boa instituição. No entanto, prevalece a ideia, mais ou menos em todo o mundo, de que, por um lado, o governo, a instituição que recorre à violência, é grande e bom, e que, por outro lado, o mercado, o sistema de cooperação social voluntária, embora talvez necessária - embora a maioria das pessoas nem mesmo perceba isso - certamente não é algo que deve ser considerado bom.

Agora, tudo o que a ação humana alcançou é o resultado da cooperação voluntária dos homens. O que o governo faz, ou o que deveria fazer, é proteger essas atividades de pessoas que não cumpram as regras necessárias para a preservação da sociedade humana e de tudo o que ela produz. Aliás, a principal função do governo, ou digamos mesmo a sua única função, é

preservar o sistema de ação voluntária ou cooperação entre as pessoas, evitando que as pessoas recorram à violência. O que o governo tem a fazer com relação a esse meio de troca é apenas impedir que as pessoas se recusem a cumprir os compromissos que assumiram. Isso não é uma função de construir algo; é função de proteger quem está construindo.

Uma das coisas que os indivíduos refratários às vezes fazem é deixar de cumprir suas obrigações de acordo com os acordos de mercado. Para dizer de forma muito simples, um indivíduo fez um acordo e, ainda assim, esse indivíduo não cumpre suas obrigações segundo esse acordo. Em seguida, é necessário recorrer à ação governamental. O que você pode fazer se a outra parte de um acordo disser: “Sim, eu sei. Recebi algo seu sob um acordo pelo qual era obrigado a lhe dar algo em troca. Mas eu não vou dar a você. Eu sou um homem mau. O que você pode fazer a respeito? Você deve apenas sorrir e aguentar. ” Ou é possível que a pessoa que tem que entregar mais tarde diga: “Sinto muito, mas não posso, ou não vou entregar”. Isso faz com que todo o sistema de trocas do mercado, todo o sistema baseado nas ações voluntárias dos indivíduos, entre em colapso.

Se um homem oferece em um contrato a entrega de batatas em três meses, por exemplo, pode surgir a questão quando ele entrega se o que ele dá ao comprador são realmente batatas no sentido do contrato. A parte que deveria entregar batatas pode ter entregue algo que a segunda parte não considera batatas. Então, a segunda parte diz: “Quando fizemos um acordo sobre batatas, tínhamos outra coisa em mente. Pensamos em algo que tinha certas qualidades que essas batatas não têm.” Então, é dever do governo, do juiz que o governo nomeia para esse fim, descobrir se essas batatas questionáveis são ou não o que foi entendido pelas partes contratantes como “batatas”. Elas não devem estragar; elas devem ter certas características; devem ser batatas de acordo com o uso comercial; e assim por diante. Podem ser batatas do ponto de vista de um professor de botânica, mas não são batatas do ponto de vista do empresário. Isso é algo que o uso comercial determina em todos os lugares. O juiz não pode estar familiarizado com tudo o que se passa no mundo e, por isso, muitas vezes precisa do conselho de um especialista. O perito deve dizer se as batatas em questão devem ou não ser consideradas como o tipo de batata que se refere ao acordo. E então é tarefa do juiz considerar o conselho do especialista e determinar se o que foi entregue realmente são batatas ou se são outra coisa.

Acordos relativos a produtos como batatas - ou qualquer outra coisa nesse sentido, trigo, por exemplo - que são feitos regularmente no mercado através de um meio de troca, popularmente chamado de “dinheiro”, podem ser violados, como temos visto, no lado das commodities. Mas eles também podem ser violados do lado do dinheiro. Isso significa que um conflito, uma diferença de opinião, pode surgir entre as duas partes de um contrato sobre o dinheiro que deve ser pago para cumprir o contrato. E então o governo, os juízes, devem determinar se o que é oferecido sob o nome de dinheiro neste caso é realmente o que as pessoas tinham em mente quando fizeram o contrato. O governo não estava diretamente envolvido no desenvolvimento do dinheiro; a tarefa do governo neste contexto é simplesmente garantir que as pessoas cumpram os termos de seus contratos com relação ao dinheiro. Assim como o juiz pode dizer o que é, ou não, significado no contrato pelo termo “batatas” ou “trigo”, então sob condições especiais, para preservar as condições pacíficas no país, o juiz deve determinar o que foi significava quando as partes de um contrato mencionam "dinheiro". O que as pessoas usavam como meio de troca? O que eles tinham em mente em seu contrato quando disseram: “Eu pagarei a você certas unidades de 'dinheiro' quando você cumprir o que prometeu”. Se essas unidades são chamadas de dólares, táleres , marcos ou libras, não importa; o governo só<sup>1</sup> precisa descobrir qual era o significado do contrato.

É o que o governo deve decidir. O governo não tem o poder de chamar de "dinheiro" algo que as partes não tinham em mente ao celebrar seu contrato, assim como não tem o poder de chamar as não batatas de "batatas" ou de chamar um pedaço de ferro, digamos, de "cobre". Isto é, não que o governo diga o que é o dinheiro originalmente; apenas deve dizer o que se entende por “dinheiro” no caso do contrato que está em conflito. Tenho que dizer todas essas coisas para apontar algo que as pessoas parecem não saber hoje, ou seja, que dinheiro não é criado pelo governo. As pessoas hoje não sabem disso porque o estado de espírito, o estatista, as ideias sobre o mercado e sobre o dinheiro destruíram o conhecimento de como o dinheiro é criado.

É apenas ao lidar com o problema de saber se as obrigações financeiras nos contratos foram cumpridas ou não que o governo ou, digamos, o juiz, tem algo a dizer sobre o dinheiro. É somente dessa forma que o governo entra em contato, originalmente em contato, com dinheiro - assim como entra em contato com tudo o mais, ou seja, com batatas, trigo, maçãs, automóveis e assim por diante. Portanto, não é verdade que o dinheiro seja

algo derivado do governo, que o governo seja soberano em relação ao dinheiro e que possa dizer o que é dinheiro. Não é verdade que a relação do governo com o dinheiro seja diferente do que é com outras coisas. O dinheiro é um produto de acordos de mercado, assim como tudo o mais que é celebrado em acordos de câmbio.

Se um juiz dissesse que tudo o que o governo chama de cavalo é tudo o que o governo chama de cavalo, e que o governo tem o direito de chamar uma galinha de cavalo, todos o considerariam corrupto ou louco. No entanto, ao longo de uma evolução muito longa, o governo converteu a situação de que o governo deve resolver disputas relativas ao significado de “dinheiro” como referido nos contratos, em outra situação. Ao longo dos séculos, muitos governos e muitas teorias do direito criaram a doutrina de que dinheiro, um dos lados da maioria dos acordos de câmbio, é tudo o que o governo chama de dinheiro. Os governos estão fingindo ter o direito de fazer o que esta doutrina lhes diz, ou seja, declarar qualquer coisa, até mesmo um pedaço de papel, “dinheiro”. E esta é a raiz do problema monetário.

Isso torna possível fazer qualquer coisa com dinheiro, falsificá-lo ou aviltá-lo, da maneira que você quiser, desde que tenha o governo, seus juízes e algozes ao seu lado. E, portanto, um sistema desenvolvido que é muito conhecido por todos. O governo presume que é direito, dever e privilégio do governo declarar o que é o dinheiro e fabricá-lo. Esse sistema cria uma situação em que é possível ao governo fazer tudo o que quiser, qualquer coisa que possa ser feita com dinheiro. E isso cria uma situação em que o governo usa seu poder de imprimir e cunhar dinheiro para fins como aumentar os meios, o poder de compra, com os quais aparece no mercado.

## 4. Ouro como Dinheiro

Agora, devemos perceber que, historicamente, as pessoas em todos os lugares usaram, no início, um tipo definido de mercadoria como meio de troca. Às vezes, você encontra em livros que tipos de bens e mercadorias foram usados em diferentes países em diferentes idades como um meio geral de troca, como dinheiro. Antigamente, as pessoas escolhiam vários tipos de mercadorias como meio de troca, como meios de troca entre vendedores e compradores. Essas mercadorias que eles escolheram eram mercadorias que estavam disponíveis apenas em quantidades limitadas. Se algo está disponível em quantidade suficiente para atender a todos os tipos possíveis de demanda, ou pode ser aumentado em quantidade de forma a atender todos os tipos possíveis de demanda, então não tem nenhum valor em troca. Somente algo que está disponível em quantidade limitada pode ter valor de troca, pode ser considerado valioso pelas pessoas.

Ao longo dos séculos, os comerciantes eliminaram tudo o mais, dentre os vários artigos e mercadorias usados como meio de troca, até que apenas os metais preciosos - ouro e prata - permanecessem. Todas as outras mercadorias foram eliminadas como meio de troca. Quando digo que as outras coisas foram eliminadas de serem usadas como dinheiro, o que quero dizer é que as pessoas que fizeram acordos as eliminaram; as pessoas, ao fazer acordos, rejeitaram outras coisas como meio de troca e passaram a usar apenas ouro e prata; eles especificaram ouro e prata nos contratos que fizeram ao negociar com outras partes. Portanto, devemos perceber que a evolução para o dinheiro como ouro e prata foi provocada por pessoas privadas. A prata também desapareceu como meio de troca nos últimos séculos e permaneceu o fato de que o ouro mercadoria era usado como meio de troca, cujo peso e conteúdo eram determinados pelos órgãos governamentais e reconhecidos pela lei e pelos tribunais. Não posso entrar em toda a história do dinheiro. Mas o que resultou foi o padrão-ouro. O sistema do padrão-ouro, o padrão cambial-ouro, é praticamente o único sistema monetário do mundo. Isso não foi feito por governos; foi feito por meio do mercado; foi feito por partes trocando no mercado.

Na história do dinheiro, que é idêntica à história das tentativas do governo de destruí-lo, devemos distinguir dois grandes períodos. E esses

dois períodos não estão separados um do outro por algum fato monetário ou por algum problema monetário específico - eles estão separados um do outro pela grande invenção feita no século X por um homem chamado Gutenberg. Se os governos precisam de mais dinheiro - e eles sempre precisam de mais porque não o ganham - a maneira mais simples de aumentar a quantidade de dinheiro desde Gutenberg é apenas imprimi-lo.

Assim como o governo diz “dólar” - mas não usemos o termo de um país com dinheiro que ainda funciona hoje - digamos “ducados”. Você concordou com uma quantidade definida de ducados. E então, porque o governo não quer restringir seus gastos, declara: “O que imprimir na minha gráfica, na minha editora governamental e chamei de Ducado, também é Ducado, a mesma coisa que Ducado de ouro. ” Essas coisas começaram quando houve bancos privados aos quais o governo concedeu privilégios. Na época em que você fez este acordo, um Ducat significava uma quantidade definida de ouro. Mas o governo agora diz que é outra coisa. Quando o governo faz isso, a situação é semelhante à que seria se você concordasse em entregar um cavalo para outro grupo, mas em vez de um cavalo você entregasse uma galinha, dizendo: “Está tudo bem. . . Eu digo que esta galinha significa um cavalo. ” É um sistema que destrói os mercados, você sabe.

Quero dizer algo sobre o motivo pelo qual o padrão-ouro foi adotado em primeiro lugar e também por que hoje ele é considerado o único sistema monetário realmente sólido. É porque o ouro sozinho torna a determinação do poder de compra da unidade monetária independente das mudanças nas ideias de governos e partidos políticos. O ouro tem uma vantagem. Não pode ser impresso. Não pode ser aumentado *ad libitum* [à vontade]. Se pensa que você, ou uma instituição com a qual está conectado, não tem dinheiro em ouro suficiente, você não pode fazer nada a respeito que aumentaria a quantidade de dinheiro em ouro de uma forma muito simples e barata. A razão pela qual existe o padrão-ouro, ou por que o padrão-ouro era aceito, é que um aumento na quantidade de ouro custa dinheiro. O ouro é restrito; é limitado por natureza; a produção de uma quantidade adicional de ouro não é mais barata do que a aquisição dessa quantidade por trocas no mercado. Isso significa que o ouro metálico foi usado como meio de troca.

Governos e escritores de governos zombam do fato de que o mundo, as nações do mundo, consideram o ouro como dinheiro. Eles dizem muitas

coisas contra o padrão-ouro. Mas o que eles dizem não é o que importa. O que importa é que, sem qualquer interferência por parte de uma autoridade central, sem nenhuma ação governamental, os indivíduos elegeram o ouro como “dinheiro” por meio do processo de negociação no mercado. As pessoas fazem piadas sobre a inutilidade do ouro. “É apenas um metal amarelo bobo. Não podemos comer”, dizem. “Só é bom para dentistas e para coisas sem importância, como joias”. Há pessoas que dizem: “Por que ouro? Por que usar exatamente esse metal amarelo como dinheiro? Deixe o ouro para os dentistas. Não use para fins monetários. ” Agora não tenho o direito de falar sobre os dentistas; Uso os dentistas apenas como ilustração. Se eles querem o ouro é outra questão. Lord Keynes chamou o padrão-ouro de "reliquia bárbara". Muitos livros dizem que o governo teve que intervir porque o padrão-ouro falhou. Mas o padrão-ouro não falhou! O governo aboliu o padrão-ouro, tornando ilegal a retenção de ouro. Mas ainda hoje, todo o comércio internacional é calculado em ouro. Os críticos não têm argumentos válidos contra o padrão-ouro porque o padrão-ouro funciona enquanto o padrão do governo não funciona, nem mesmo de uma forma que o próprio governo considere satisfatória.

A vantagem desse sistema monetário ouro, como de todo sistema monetário não governamental, é que um aumento na quantidade de dinheiro não depende de decisões do governo. A vantagem do padrão-ouro é que a quantidade de ouro disponível independe das ações, dos desejos, dos projetos e, eu diria, dos “crimes” dos vários governos. O ouro pode não ser um dinheiro ideal, certamente não; não há ideais no mundo da realidade. Mas podemos usar ouro como meio de troca porque a quantidade de ouro é em geral limitada e a produção de quantidades adicionais requer gastos que não influenciam o poder de compra do ouro já existente em maior extensão do que tais mudanças estão ocorrendo diariamente novamente e novamente em tudo. Podemos, portanto, viver, podemos, portanto, existir, com o sistema de dinheiro ouro. Com o “dinheiro ouro”, não há perigo de ocorrer uma grande revolução nos preços. A vantagem do padrão-ouro não é que o ouro seja amarelo, brilhante e pesado, mas pelo fato de que a produção de ouro como a produção de tudo o mais depende de atores que não podem ser manipulados pelo governo da forma como o governo pode manipular a produção de papel moeda governamental. Quando o governo imprime um pedaço de papel não custa mais imprimir “100” do que imprimir “10” ou “1” neste mesmo pedaço de papel. E a situação do mercado a situação de

todas as trocas humanas todo o sistema econômico é minado destruído pelos governos quando consideram aconselhável aumentar a quantidade de dinheiro aumentando a quantidade de dinheiro do governo.

A crise monetária, o problema monetário que o mundo hoje enfrenta é que os governos pensam que têm liberdade para fazer o que quiserem em relação ao dinheiro. Não apenas os indivíduos às vezes deixam de cumprir as promessas que fizeram, mas os governos fazem o mesmo. Eles já usaram praticamente todos os métodos possíveis para tentar fugir da necessidade de pagar o que prometeram. E este é o problema que temos agora.

A legislação de curso legal impossibilitava que alguém se recusasse a aceitar o papel-moeda. Cláusulas de ouro foram escritas em alguns contratos por algumas pessoas na tentativa de protegê-los contra as leis de curso legal que os forçariam a aceitar papel. Para dar um exemplo, existe um país na Europa, um país muito bonito com uma grande história, considerado ainda hoje como um dos países mais civilizados do mundo. Não quero dar o nome da nação, mas vamos chamá-la de Utopia[2]. Este país concedeu um empréstimo público. Em todas as páginas deste empréstimo estava inscrito: “Este governo promete pagar 20 moedas de ouro de Utopia, ou seja uma<sup>2</sup> quantidade definida de moedas de ouro na cunhagem desta nação, essa quantia em ouro, ou equivalente quantidade em dólares americanos resgatáveis em ouro de acordo com o padrão McKinley.” O homem que comprou esta obrigação, este título de dívida, teria dito: “Estou realmente protegido contra todos os acidentes. No passado, um país não pagou o mesmo peso de ouro que prometeu pagar. Mas agora tenho a promessa não só de ser pago em ouro, mas também tenho o poder de escolher. Posso pedir que me paguem na utópica moeda nacional, ou o equivalente em dólares americanos que podem ser resgatados em ouro. Então, em 1933, os EUA mudaram o preço do ouro, como vocês sabem; reduziram a proporção do ouro em relação ao dólar americano. Em 1935 o Supremo Tribunal dos EUA decidiu<sup>3</sup> que, como os obrigacionistas haviam recebido o pagamento em notas com curso legal, não poderiam apresentar danos e não seriam pagos em ouro. Este país da Utopia disse: “Também aceitamos este novo 'preço'. Pagaremos a você, o detentor do título, apenas a menor quantidade de ouro de acordo com a nova lei americana, uma lei que não existia na época em que lhe vendemos esta obrigação, quando nos comprometemos a pagar a você.” Isso significa que o direito dos governos

em relação ao dinheiro é considerado algo muito especial hoje, algo que não está sujeito às condições e práticas gerais da economia de mercado. Essa é precisamente a razão do problema monetário que temos agora.

Tudo isso só foi possível pelo fato de o governo ser a instituição que determina o que significam os acordos entre os cidadãos, qual é o conteúdo desses acordos. O governo tem o poder de obrigar as pessoas que, de acordo com a declaração do seu governo, não cumpram o seu acordo, a pagar as quantias exigidas. E como o governo assume, necessariamente, que os tribunais devem ter o poder de declarar se as partes cumpriram ou não um acordo celebrado entre elas, os governos presumem que somente eles têm o poder de declarar o que é e o que é dinheiro não é. Assim como os tribunais têm que determinar se há um conflito entre as partes de um acordo sobre se uma determinada coisa referida em um contrato é lã, por exemplo, ou não é lã, da mesma forma, os governos presumem dizer se certa coisa é dinheiro ou não é dinheiro de certa quantidade definida. E desta forma, repetidamente, os governos destruíram os mercados do mundo. E, ao destruir os mercados, chegaram ao ponto de destruir completamente o sistema monetário, tornando necessário o desenvolvimento de um novo sistema monetário.

O que precisamos entender é o seguinte: todo tipo de arranjo humano está conectado de uma forma ou de outra com pagamentos em dinheiro. E, portanto, se você destruir o sistema monetário de um país ou do mundo inteiro, você está destruindo muito mais do que simplesmente um aspecto. Quando você destrói o sistema monetário, está destruindo em alguns aspectos a base de todas as relações inter-humanas. Se se fala de dinheiro, fala-se de um campo em que os governos estavam fazendo a pior coisa que poderia ser feita, destruindo o mercado, destruindo a cooperação humana, destruindo todas as relações pacíficas entre os homens.

O fato é que com o padrão-ouro é possível ter um padrão monetário que não pode ser destruído pelos governos. Não há razão para dar aos governos maior influência sobre os problemas monetários. Embora seja absolutamente correto dizer que é apenas um acidente que é precisamente o ouro e não outra coisa que serve a esse propósito monetário, o fato é que com o padrão-ouro é impossível para os governos destruir o sistema monetário. Por outro lado, não há nada mais fácil para os governos do que

destruir um sistema de dinheiro que se baseia em demasiada confiança no governo.

## 5. Inflação do Ouro

O padrão-ouro se deve a um acidente - um acidente geológico, eu diria - que existe apenas uma quantidade limitada disponível. Como sua quantidade é limitada, ele tem valor no mercado para que possamos tratá-lo como dinheiro.

O principal em relação ao dinheiro é a questão de como restringir, como não aumentar, sua quantidade.

Você sabe que o ouro também pode aumentar em quantidade mesmo que você tenha o padrão-ouro. Nos últimos 200 anos aconteceu repetidamente que o aumento que a descoberta de novos campos nos quais ouro - quantidades adicionais de ouro, poderiam ser produzidas - trouxe uma ligeira queda no poder de compra de cada unidade de ouro em comparação com o poder de compra da unidade de ouro que teria permanecido na ausência desta nova descoberta. Essa mesma tendência de preços mais elevados foi então provocada não apenas por um aumento na quantidade de papel moeda mas também por um aumento na quantidade de metais preciosos. Por exemplo, nos anos 1848 a 1849 foi descoberto ouro na Califórnia e na Austrália. Por um período definido, uma nova quantidade de ouro, acima do aumento anual regular na produção de ouro, estava fluindo para o mercado. Muitas pessoas foram a esses campos de ouro, tentaram minerar ouro e, quando o encontraram, o gastaram. O resultado, portanto, foi que esses garimpeiros tiraram dos mercados mais bens produzidos do que antes.

Se, por exemplo, um homem pobre, que antes não consumia muito, fosse para a Califórnia ou Austrália e tivesse algum sucesso na mineração de ouro, ele poderia comprar coisas com seu ouro e viver em um local muito confortável maneira. Em muito pouco tempo, em poucos meses ou anos, desenvolveram-se cidades na Califórnia, lugares onde os garimpeiros vivem vidas muito agradáveis. Os garimpeiros recebiam em troca do ouro coisas reais. Onde há pouco tempo não havia nada além de florestas e pântanos, havia cidades, casas, móveis e garrafas importadas de champanhe. E de onde vieram todas essas coisas? Do resto do mundo. E o que o resto do mundo, os produtores e fornecedores de bens e serviços receberam em troca das coisas que os garimpeiros compraram? Preços mais altos! Eles

receberam ouro, é claro, mas tiveram que pagar mais pelas coisas que queriam comprar. O efeito dessas grandes descobertas de ouro foi que o poder de compra de cada peça individual de ouro era agora menor do que teria sido na ausência das descobertas de ouro. Você pode, se quiser, chamá-lo de "inflação"; causou efeitos semelhantes aos de uma inflação de papel-moeda.

Ou seja, em meados do século XIX as novas descobertas de ouro trouxeram o que as pessoas consideravam, na época, uma revolução dos preços, ou algo parecido. Mas a produção de dinheiro adicional, dinheiro ouro, era limitada; foi quase sem qualquer influência quantitativa sobre os grandes mercados de todo o mundo. Quando o único dinheiro real usado era dinheiro em ouro ou notas resgatáveis, conversíveis em ouro, notas que davam o direito de obter uma certa quantidade de dinheiro, então, conforme a quantidade de ouro estava aumentando, houve uma queda em seu poder de compra. E estavam ocorrendo os ajustes necessários para colocar isso em ordem. Mas essa queda no poder de compra foi limitada porque as quantidades adicionais de ouro logo foram integradas a todo o sistema monetário e não houve mais aumentos extraordinários na quantidade de dinheiro. Agora, essas descobertas de ouro são casos excepcionais e não temos que lidar com eles.

As pessoas podem fazer piadas sobre o padrão-ouro, sugerindo que se deve deixar o ouro para os dentistas, que o ouro é absolutamente desnecessário para o dinheiro e que, além disso, é um desperdício de dinheiro e trabalho para usar como dinheiro algo que deve ser produzido na um custo tão alto quanto o ouro. Mas o padrão-ouro tem uma qualidade, uma virtude; é que o ouro não pode ser impresso e que o ouro não pode ser produzido de maneira mais barata por qualquer comitê governamental, instituição, escritório, escritório internacional, ou assim por diante. É a única justificativa para o padrão-ouro. Já se tentou várias vezes encontrar algum método para substituir essas qualidades do ouro de alguma outra maneira. Mas todos esses métodos falharam, e sempre falharão precisamente enquanto os governos estiverem comprometidos com a ideia de que está tudo bem para um governo que não arrecadou dinheiro suficiente para pagar suas despesas tributando seus cidadãos, ou tomando empréstimos no mercado, que está tudo certo para tal governo para aumentar a quantidade de dinheiro simplesmente imprimindo-o.

Agora há uma doutrina que diz que não há ouro suficiente. A razão pela qual esses críticos do ouro são contra o padrão-ouro é devido à sua crença de que a quantidade de dinheiro deve ser aumentada. Ora, a quantidade de dinheiro ajusta-se necessariamente por meio dos preços às demandas do público. No entanto, existem autores, professores e redatores de livros didáticos que nos dizem que não há dinheiro suficiente e sugerem um papel-moeda e aumentos anuais regulares na quantidade de dinheiro. Eles não sabem do que estão falando. Alguns desses autores de livros didáticos fornecem outra cifra a cada nova edição de seus livros pela qual desejam aumentar a quantidade de dinheiro. Em uma edição eles dizem 5% na próxima edição eles dizem 8% e assim por diante. Se um professor disser que devemos ter papel-moeda e que todo ano o governo deve adicionar 8% ou 10% ou 5% dinheiro novo adicional, ele não nos dá uma descrição completa do que deve ser feito. Esse talvez seja um fato interessante para nos ajudar a perceber, digamos, a mentalidade desses autores, mas não é o problema com o qual temos que lidar. A pergunta é quão o governo deve colocar esse dinheiro em circulação, a quem deve ser dado. O que temos que perceber é que o aumento da quantidade de dinheiro não pode ser neutro em relação às condições dos vários indivíduos.

É claro que é bastante intrigante que não haja outro método para organizar o sistema de trocas a não ser pelo uso de um metal definido, um metal amarelo, ouro. Alguém pode fazer a pergunta: “O que teria acontecido se não houvesse ouro?” Ou alguém pode fazer a pergunta: “O que acontecerá um dia”, ninguém pode dizer nada hoje sobre isso, “se as pessoas descobrirem um método para produzir ouro a um preço tão barato que o ouro não será mais útil para fins monetários?” A esta pergunta, eu respondo: “Pergunte-me novamente quando for o caso.” Talvez - eu não sei, ninguém sabe - talvez um dia as pessoas descubram um método de produzir ouro do nada, ou, digamos, de algo que não seja ouro. Talvez o ouro se torne tão abundante quanto o ar e gratuito para todos. Se todos pudessem ter tanto ouro quanto quisessem, não teria valor no mercado. Ninguém estaria então disposto a aceitar tal mercadoria de menor valor no comércio por outros bens ou serviços e ela não se tornaria um "meio de troca". Se você tem noites sem dormir e não tem mais nada em que pensar, pode pensar no que vai acontecer, sabe, se um dia o ouro pudesse ser produzido de forma tão barata como, digamos, o papel pode ser produzido hoje, isto poderia acontecer! Mas ninguém acha que isso vai acontecer. Provavelmente não

vai acontecer. Mas se isso acontecer, as pessoas terão que lidar com o novo problema. E talvez eles o resolvam; talvez eles não o resolvam; não sabemos disso hoje. Mas é inútil hoje especular o que acontecerá, se isso acontecer. E como não sabemos nada sobre quais serão as condições naquele momento, podemos dizer: “Vamos esperar. Vamos esperar para ver se realmente um dia o ouro será tão abundante que não poderá mais servir a propósitos monetários. ” Tudo certo. Se isso acontecesse, as pessoas que viviam naquela época - naquela época - teriam um problema a resolver. Mas hoje temos outro problema. Nosso problema é evitar que a quantidade de dinheiro aumente e que seu poder de compra diminua devido à inflação.

## 6. Inflação

A primeira regra, ou a única regra que temos que ensinar a todos ao explicar os problemas do dinheiro, é que um aumento na quantidade de dinheiro acarreta para o grupo, para o povo, para a sociedade, para o rei, ou para o imperador que o faz, uma melhora temporária da situação. Mas se sim, por que fazer isso apenas hoje e não repetir amanhã? Essa é a única questão. E este é o problema da inflação.

O problema não é aumentar a quantidade de dinheiro. O problema é aumentar a quantidade de coisas que podem ser compradas com dinheiro. E se você está aumentando a quantidade de dinheiro, e você não está aumentando a quantidade de coisas que podem ser compradas com dinheiro, você está apenas aumentando os preços que são pagos por elas. E com o tempo, se o aumento do dinheiro continuar, todo o sistema se tornará um sistema sem qualquer significado e, na verdade, sem qualquer método possível de lidar com ele.

Infelizmente, vivemos um período em que muitos governos dizem, se não temos dinheiro suficiente para algo e se não queremos tributar as pessoas porque as pessoas não querem pagar impostos para esse fim, então vamos acrescentar um pouquinho, um pouquinho de papel-moeda, não muito, só um pouquinho. Eu gostaria de atacar o problema de outro ponto de vista e dizer: "Não há nada no mundo menos apropriado como dinheiro do que papel, papel impresso." Nada é mais barato. E praticamente o que temos a dizer é que os governos estão destruindo todo o sistema econômico, a economia de mercado ao destruir o sistema monetário. Pode-se comparar essa impressão de papel-moeda, e as pessoas o fizeram, com o que aconteceu no campo do uso de várias drogas. Assim como quando você começa a usar certas drogas, não sabem quando ou como parar, é o mesmo com a impressão de papel-moeda, os governos não sabem quando nem como parar.

Os preços estão subindo porque há uma quantidade adicional de dinheiro, pedindo, procurando uma quantidade não aumentada de mercadorias. E os jornais ou os teóricos chamam os preços mais altos de "inflação". Mas a inflação não são os preços mais altos; a inflação é o novo dinheiro injetado no mercado. É esse dinheiro novo que então inflaciona os preços. E o

governo pergunta: “O que aconteceu? Como um homem poderia saber? Como poderia eu, o homem do departamento de finanças, saber que esse dinheiro adicional foi realmente gasto e que esse gasto deve aumentar os preços porque a quantidade de bens não aumentou? ” O governo é muito inocente. Não sabe o que aconteceu, porque isso aconteceu em outro departamento do governo.

E os governos tentam encontrar alguém que seja responsável - qualquer um menos eles mesmos. Consideram culpado a pessoa que cobra mais caro. Mas ele deve pedir preços mais altos porque agora tem mais gente querendo comprar a produção dele, né? Ele tem 100 unidades para vender por 5 moedas. E agora as pessoas estão chegando - não com 500 mas com 600 moedas no bolso - os compradores devem, portanto, para evitar que outros homens consigam as coisas que desejam, pagar preços mais altos. Agora temos a inflação.

Anos atrás, muitos, muitos anos atrás - 60 anos atrás - eu escrevi meus primeiros artigos lidando com os problemas do dinheiro. Era um estudo sobre a inflação na Áustria e a maneira pela qual um dia o governo decidiu abandonar a inflação e retornar ao dinheiro estável, apesar da forte oposição do partido que se dedicava ao antigo e brilhante sistema de inflação. Dei este ensaio ao meu professor, Böhm-Bawerk, para publicação em sua revista econômica, que publicou com alguns amigos. E um de seus amigos, o ex-ministro das Finanças, Dr. Ernst von Plener, depois de ler o manuscrito, me convidou a conversar com ele sobre o manuscrito, sobre o problema. Ficou muito interessado pelo fato de ser um dos Ministros da Fazenda de que trata este ensaio. Tivemos uma conversa muito interessante e no final desta conversa, o Dr. von Plener disse: “É um estudo muito interessante que você deu à nossa revista. Mas estou surpreso que um jovem como você esteja interessado em um problema do passado como a inflação. Lá estava realmente, no século XIX em quase todos os países do mundo, a inflação. Mas ela não vai mais voltar. Isso não vai mais acontecer. Você pode imaginar que o Império Britânico, Alemanha, França, Estados Unidos, sairão do padrão-ouro? Não! Impossível! E o fato de que estes os países que manterão o padrão-ouro forçarão todas as outras nações também a permanecer com o padrão-ouro.”

Eu disse: “Gostaria de ter a sua opinião. Mas quando olho em volta na literatura sobre dinheiro e o que está sendo escrito e publicado a cada dia,

também nos Estados Unidos, também na Inglaterra, e assim por diante, sobre este problema, então eu vejo - ou acredito que vejo - uma tendência para um retorno a esses problemas de inflação. ” E acho que eu estava certo! Vinte anos depois, após a Primeira Guerra Mundial, depois de todas aquelas coisas que aconteceram depois da Guerra, o Dr. von Plener me disse: “Lembre-se de nossa conversa. Você estava certo e eu errado. Mas sua opinião teria sido um conselho melhor para esses países. ” Eu admiti isso sem nenhuma dificuldade. E eu teria que admitir isso hoje novamente.

Nos anos que se seguiram à Primeira Guerra Mundial, economistas americanos frequentemente visitavam Viena e eu tive o prazer de conversar com eles e explicar a inflação e as condições que prevaleciam naquela época na Áustria e em outros países europeus. E, como você sabe, quando as pessoas falam sobre problemas econômicos, falam e falam até que finalmente seja tarde da noite, bem tarde da noite. E assim foi. Então eu disse a eles: “Vou agora explicar porque as condições no país não são tão satisfatórias. Vou levá-lo para uma pequena caminhada até o centro da cidade, passando por um edifício definido. ” Isso era às 11 horas ou meia-noite. E nós fomos. Estava muito quieto. Mas então eles ouviram um barulho, o som das impressoras que imprimiam notas dia e noite para o governo. O resultado em Viena foi muito modesto, você sabe; o dólar americano que valia 5 coroas austríacas virou 14 mil a 17 mil coroas austríacas. A inflação estava ruim, você tem razão. Mas esta foi uma inflação muito modesta; a conquista da inflação na Alemanha foi muito maior, você sabe. Eram necessários bilhões de marcos para comprar um dólar americano. Você considera isso uma piada mas foi uma tragédia, é claro. Para as pessoas cujas propriedades foram destruídas, foi uma catástrofe.

A inflação hoje é provavelmente o fenômeno mais importante na vida política e nas condições políticas. Felizmente ainda existe neste país, e espero que um dia tenha êxito, uma oposição bastante razoável às medidas inflacionárias. Mas, para muitos governos, é simplesmente uma questão de precisar de mais dinheiro e eles acham que é perfeitamente razoável aumentar a quantidade de dinheiro. Se quisermos ter um sistema de dinheiro que funcione e opere, não se deve aumentar a quantidade de dinheiro sem perceber a cada passo que nos aproximamos de um ponto muito perigoso, o ponto em que tudo se desintegra. Vocês podem dizer que isso é algo muito geral; que referência tem para os problemas de política

cotidiana, política monetária. Tem uma referência muito importante. A referência é que quando você está operando com algo que pode ser um veneno mortal, nem sempre, mas pode ser, você deve ter muito cuidado. Você deve ter muito cuidado para não chegar a um determinado ponto. Isso também se pode dizer sobre todos os medicamentos que influenciam os nervos e a mente das pessoas. O médico salva a vida de algumas pessoas, administrando-lhes um produto químico em quantidade que ele determina e conhece com precisão. E se a quantidade fosse aumentada até certo ponto, o mesmo produto químico seria um veneno mortal.

Temos uma situação semelhante com a inflação. Onde começa a inflação? Ele começa assim que você aumenta a quantidade de dinheiro. E onde começa o ponto de perigo? Esse é outro problema. A pergunta não pode ser respondida com precisão. As pessoas devem perceber que você não pode dar um conselho a um político: “este é o ponto até o qual você pode ir e além desse ponto você não pode ir, e assim por diante, você sabe”. A vida não é tão simples assim. Mas o que temos que entender, o que temos que saber quando estamos lidando com dinheiro e problemas monetários, é sempre o mesmo. Devemos compreender que o aumento da quantidade de dinheiro, o aumento daquelas coisas que podem ser usadas para fins monetários, deve ser restringido em todos os pontos.

O verdadeiro problema é que temos uma quantidade de dinheiro na maioria dos países, incluindo os Estados Unidos, uma quantidade que está aumentando continuamente. E o efeito desse aumento é que os preços das commodities e serviços estão subindo e as pessoas estão pedindo salários mais altos. E o governo diz que isso é "uma pressão inflacionária". Vejo essa palavra centenas de vezes todos os dias nos jornais, mas não sei o que é “pressão inflacionária”. Não existe "pressão inflacionária". Nada é inflacionário, exceto um aumento na quantidade de dinheiro. Quer lá é um aumento na quantidade de dinheiro, ou há não aumento na quantidade de dinheiro.

Há uma solução prática do ponto de vista teórico - o padrão-ouro. Enquanto estivermos usando como meio de troca o precioso ouro metálico, não temos, nas condições atuais, nenhum problema especial com que lidar. Mas, assim que aumentamos a quantidade de papel-moeda, assim que dizemos: "Um pouco mais, não importa e assim por diante", estamos entrando em um campo em que os problemas se tornam muito diferentes

então. Podemos ter hoje um sistema bastante satisfatório de pagamentos monetários se aceitarmos a ideia de que o ouro pode ser usado como meio de troca sem quaisquer restrições. Mas então podemos dizer teoricamente a partir do ponto de vista de teorias claras e finas, isso não é muito satisfatório. Possivelmente! Mas é muito satisfatório do ponto de vista do funcionamento de um sistema monetário e do mercado. E é isso que conta.

## **7. A Inflação Destrói a Poupança**

Tudo o que é feito por um governo contra o poder de compra da unidade monetária é, nas condições atuais, feito contra as classes médias e as classes trabalhadoras da população. Só essas pessoas não sabem disso. E essa é a tragédia. A tragédia é que os sindicatos e todas essas pessoas estão apoiando uma política que torna todas as suas economias sem valor. E esse é o grande perigo de toda a situação.

As condições sob as quais as pessoas vivem nos países industrializados do Ocidente, o que hoje significa em praticamente todos os países onde o padrão de civilização progrediu desde o século XVI ou XVII, as massas estão em uma posição, felizmente, nos anos em que são capazes de trabalhar, nos quais estão em plena saúde, para prover o estado de ânimo, pois isso prevalecerá nos anos posteriores, quando estarão absolutamente incapazes de trabalhar quando sua capacidade para o trabalho tiver diminuído devido à idade avançada ou outras mudanças. Nas condições em que se encontram hoje, essas pessoas só podem sustentar sua velhice praticamente celebrando contratos de trabalho que lhes dão uma pensão por idade avançada, ou podem economizar parte de sua renda e investi-la de tal maneira que eles possam usá-la nos anos posteriores. Esses investimentos podem ser simples depósitos de poupança em bancos ou podem ser apólices de seguro de vida ou títulos, por exemplo, títulos do governo que aparecem em muitos países como perfeitamente seguros. Em todos estes casos, o futuro dessas pessoas que assim sustentam a velhice, as famílias e os filhos está intimamente ligado ao poder de compra da unidade monetária ou moeda.

O homem que possui uma propriedade agrícola, o produtor de azeite ou de alimentos, ou o empresário que possui uma fábrica estão em uma posição diferente. Quando os preços dos produtos que está vendendo sobem por causa da inflação, ele não será prejudicado da mesma maneira que outras pessoas são prejudicadas pela inflação. O proprietário de ações ordinárias verá que, em geral, a maior parte dessas ações ordinárias está subindo de preço na mesma proporção que os preços das commodities estão subindo por causa da inflação. Mas é diferente para pessoas com renda fixa. O homem que se aposentou há 25 anos com uma pensão anual de, digamos

3000 dólares, encontrava-se em geral em boa situação ou pensava-se que estava em boa situação. Mas isso foi em uma época em que os preços eram muito mais baixos do que são hoje. Não quero falar mais sobre esta situação e as consequências e efeitos da inflação para o povo. O que quero salientar é que o maior problema hoje é precisamente este, embora as pessoas não percebam. O perigo se deve ao fato de que as pessoas consideram a inflação como algo que machuca outras pessoas. Eles percebem muito bem que também sofrem porque os preços das mercadorias que estão comprando aumentam continuamente, mas não percebem totalmente que o maior perigo para eles é precisamente o progresso da inflação e o efeito que isso terá sobre o valor de suas economias.

Hoje, em toda a Europa, vemos inquietação pelo fato de as massas europeias estarem descobrindo que foram as perdedoras em todas essas operações financeiras que seus próprios governos consideraram como algo muito maravilhoso. E, portanto, também do ponto de vista de possibilitar às massas gozarem da melhoria das condições econômicas e de torná-las parceiras, verdadeiras parceiras, no grande desenvolvimento da produção industrial que está acontecendo praticamente já em todos os países da Europa e da América do Norte, inclusive o México, é necessário abandonar a política de inflação. A grande inquietação que hoje caracteriza tudo o que se passa na Europa, as ideias revolucionárias das massas, especialmente dos filhos das classes médias que estudam nas universidades, se devem ao fato de que os outros governos europeus, com exceção do governo da Suíça e de outros países muito pequenos como esse, terem optado inúmeras vezes nos últimos 60 anos por uma política de inflação sem limites.<sup>4</sup>

Ao falar sobre as condições na França, não se deve ignorar o que a inflação realmente significa. Os franceses tinham razão quando, no século XIX e no início do século XX, declararam que a estabilidade social e o bem-estar da França se baseiam em grande medida no fato de que as massas da população francesa são donas de títulos emitidos pelo governo e, portanto, considerar o bem-estar financeiro do país, do governo, como seu próprio vantagem financeira. E agora isso foi destruído. Os franceses que não operavam, ou seja, a maioria da população, eram fanáticos poupadores. Todas as suas economias foram destruídas quando a tremenda inflação reduziu o valor do franco a praticamente nada. O franco francês pode não ter caído completamente para zero, mas para um francês, que tinha 100 dólares antes e então tinha apenas um dólar, para um francês assim, a

diferença não era muito grande. Poucas pessoas ainda podem se considerar proprietárias de alguma propriedade quando esta é reduzida a 1% do que era antes.

Ao falar sobre a inflação, não devemos esquecer que, além das consequências da destruição do padrão monetário de um país, existe o perigo de que privar as massas de suas economias os deixe desesperados. Durante décadas, houve apenas alguns poucos que concordariam comigo nesta posição. Mesmo assim, fiquei surpreso ao ler hoje em *Newsweek* que a maioria das pessoas na nação não está interessada na preservação do poder de compra da unidade monetária. Infelizmente, o artigo não dizia que a destruição das poupanças das massas era um assunto muito mais sério do que a “famosa” guerra agora travada contra a pobreza.

É ridículo para o governo financiar uma "guerra contra a pobreza" , tributando, inflando, gastando, e assim<sup>5</sup> sacrificando as economias das massas que estão tentando melhorar por meio de seus próprios esforços. Essa é uma das muitas contradições que temos em nosso sistema político, não em nosso sistema econômico. Para explicar o que tenho em mente, considere a terrível contradição do governo americano quando diz: “Temos que travar uma guerra contra a pobreza. Certamente muitas pessoas são pobres e devemos torná-las mais ricas. ” E, no entanto, este governo tributa o povo para tornar o pão mais caro. Você dirá: “Então, o pão é mais caro; esta é uma exceção.” Mas isso não é uma exceção! O governo americano também gasta bilhões de impostos para tornar o algodão mais caro. Os produtos de algodão certamente não são produtos de luxo; talvez sejam bens de luxo quando comparados com o pão, mas o governo faz a mesma coisa, segue a mesma política, com o pão.

A real guerra contra a pobreza foi a “revolução industrial” e a industrialização das fábricas modernas. No início do século XIX, sapatos e meias eram itens de luxo para a maioria das pessoas da Europa continental; não eram artigos de uso diário. E a condição dessas pessoas não melhorava com impostos, tirando dinheiro ou sapatos dos ricos para dar aos pobres. Foi a indústria do calçado, não as riquezas do governo, que melhorou a condição dos pobres, que fez uma mudança revolucionária na condição das pessoas.

Um político pode dizer: “Se eu tivesse mais dinheiro para gastar, poderia fazer coisas que me tornariam muito popular em meu país”. O governo

tenta se tornar popular fazendo essas coisas, mas a técnica que usa é gastar; e então tenta atribuir a si mesmo os bons resultados de uma despesa. Uma despesa nem sempre é boa. Às vezes, uma despesa é apenas comprar bombas e jogá-las em um país estrangeiro. Mas se o gasto for benéfico, digamos que possibilite melhorar algumas coisas no país, então o político diz: “Olha, você nunca teve uma vida tão maravilhosa como a que teve sob meu regime. Existem algumas pessoas más, alguns inflacionistas, algumas pessoas que são lucrativas, mas não tenho nada a ver com elas. Não é minha culpa.” E assim por diante.

Nossa situação econômica depende em grande parte da relação do governo e do partido ou partidos políticos no poder com os sindicatos. Temos “inflação”, no sentido de preços mais altos, embutida em nosso sistema econômico porque os sindicatos a cada ano, a cada dois anos, ou em casos excepcionais a cada três anos, pedem salários mais altos. A grande maioria dos trabalhadores quer salários cada vez mais altos e eles assumem que os salários podem ser manipulados *ad libitum*, à vontade, pelo governo. Os sindicatos têm o poder, por meio da violência, com o auxílio de certas leis e de certas instituições em Washington, para forçar as pessoas a concordar com suas demandas salariais. Se os salários não continuarem subindo, ninguém sabe o que vai acontecer. A única solução possível para o problema da inflação é uma oposição aberta aos sindicatos e à ideia de que salários mais altos são o único meio de melhorar a condição das massas. Os membros do sindicato também deveriam perceber que suas condições melhorariam se os preços monetários das coisas que queriam comprar caíssem, mesmo que seus salários monetários não aumentassem. Não quero dizer mais nada sobre este problema, exceto acrescentar que o governo começou quando começou a aumentar a quantidade de dinheiro imprimindo-o. Para dar um exemplo de como a inflação destrói poupanças, havia em um país europeu um menino pobre educado em um asilo para órfãos, muito bem educado porque quando terminou a escola e sua vida no orfanato emigrou para os Estados Unidos. No decorrer de uma longa vida ele acumulou uma fortuna considerável produzindo e vendendo algo que foi muito bem-sucedido. Quando ele morreu, depois de viver 45 anos nos Estados Unidos, ele deixou uma fortuna considerável de 2 milhões de dólares. Nem todo mundo deixa essa fortuna; isso foi certamente excepcional. Este homem fez um testamento segundo o qual este valor deveria ser enviado de volta à Europa para estabelecer outro asilo para

órfãos como aquele em que este homem havia sido educado. Isso foi pouco antes da Primeira Guerra Mundial. O dinheiro foi enviado de volta para a Europa. De acordo com o procedimento usual, tinha que ser investido em títulos do governo deste país, com juros a serem pagos todos os anos para manter o asilo. Mas veio a guerra e a inflação. E a inflação reduziu a zero essa fortuna investida em marcos europeus- sim, a simplesmente zero.

Para dar outro exemplo, um alemão que em 1914 possuía uma fortuna que era equivalente a 100 mil dólares havia deixado essa fortuna nove anos depois meio centavo talvez, algo assim, ou cinco centavos, não faz nenhuma diferença; ele havia perdido tudo.

E houve experiências semelhantes nas universidades europeias. Por exemplo, muitas fundações foram estabelecidas ao longo dos séculos por pessoas que queriam possibilitar que meninos pobres estudassem na universidade e alcançassem o que haviam conquistado com a boa educação que receberam nessas universidades. E o que aconteceu? Em todos esses países, na Alemanha, França, Áustria e Itália, ocorreram grandes inflações. E essas inflações destruíram novamente esses investimentos. Para o benefício de quem? Para o benefício, é claro, do governo. E o que o governo fez com o dinheiro? Ele o gastou; ele jogou fora.

As pessoas ainda acreditam, entretanto, que destruir o valor da unidade monetária é algo que não prejudica as massas. Mas isso faz ferir as massas. E isso os machuca primeiro. Não há melhor maneira de realizar uma revolução tremenda do que destruir as poupanças das massas que são investidas em depósitos de poupança, apólices de seguro e assim por diante. Um exemplo do que quero dizer foi fornecido pelo presidente de um banco em Viena. Ele me contou que, quando era um jovem de 20 anos, havia feito um seguro de vida muito grande para sua condição econômica na época. Ele esperava que, quando fosse pago, isso o tornaria um burguês próspero. Mas quando ele atingiu os 60 anos, a apólice venceu. O seguro, que tinha sido uma soma tremenda quando ele o fizera trinta e cinco anos antes, era suficiente para pagar a corrida de táxi de volta ao escritório depois de ir buscá-lo pessoalmente. Agora o que aconteceu? Os preços subiram, mas a quantidade monetária da política permaneceu a mesma. Ele havia de fato feito economias por muitas e muitas décadas. Para quem? Para o governo gastar e devastar.

Se você fala sobre uma catástrofe do dinheiro, nem sempre precisa ter em mente um colapso total do sistema monetário. Tal coisa ocorreu neste país em 1781 com a chamada "Moeda Continental". E ocorreu em muitos outros países mais tarde, por exemplo, a mais famosa inflação, a quebra da moeda do marco alemão em 1923. Essas mudanças não são as mesmas, nem no mesmo grau em vários países. Mas não se deve exagerar a diferença nos efeitos causados pelas inflações maiores em comparação com as menores. Os efeitos das "inflações menores" também são ruins.

Devemos perceber que na economia de mercado, no sistema capitalista, todas as relações inter-humanas que não são simplesmente pessoais e íntimas, todas as relações interpessoais, são expressas, feitas, contadas em termos de dinheiro. Uma mudança no poder de compra do dinheiro afeta a todos e não de uma maneira que você possa dizer que é benéfico se o poder de compra do dinheiro está aumentando ou diminuindo. Todos os nossos relacionamentos, as relações entre indivíduos e o estado, e entre indivíduos e outros indivíduos, são baseados em dinheiro. E isso não é verdade apenas para os países capitalistas. É verdade para todos os tipos de condições. Por exemplo, em países predominantemente agrícolas em que prevalece a fazenda de pequeno ou médio porte, é comum, necessariamente usual, que com a morte do proprietário de tal fazenda, um de seus filhos assume a fazenda e os outros filhos, os irmãos e irmãs herdam apenas uma parte da fazenda. O homem que fica com a fazenda tem que pagar aos outros no decorrer da vida, passo a passo, a parte que lhes pertence na herança. Isso significa que o homem que herda a fazenda não ganha nem mais nem menos do que os outros membros da família. Mas quando isso é arranjado pela transferência da propriedade para um herdeiro e dando aos outros direitos em termos de dinheiro contra esse herdeiro, reivindicações a serem liquidadas ao longo dos anos, isso significa que todos os dias, se houver uma inflação em andamento, a parcela do homem que ficou com a fazenda está aumentando e as ações dos outros irmãos e irmãs estão diminuindo. O homem que fica com a fazenda tem que pagar aos outros no decorrer da vida, passo a passo, a parte que lhes pertence na herança. Isso significa que o homem que herda a fazenda não ganha nem mais nem menos do que os outros membros da família. Mas quando isso é arranjado pela transferência da propriedade para um herdeiro e dando aos outros direitos em termos de dinheiro contra esse herdeiro, reivindicações a serem liquidadas ao longo dos anos, isso significa que todos os dias, se houver uma inflação em

andamento, a parcela do homem que ficou com a fazenda está aumentando e as ações dos outros irmãos e irmãs estão diminuindo. O homem que fica com a fazenda tem que pagar aos outros no decorrer da vida.

Tivemos neste país, continuamente agora por vários anos, um aumento inflacionário declarado na quantidade de dinheiro em circulação. Contudo, as condições são influenciadas por esta situação. Houve um aumento geral dos preços. Você ouve sobre isso; você leu sobre isso; as pessoas comparam preços e falam bastante sobre isso. No entanto, não devo exagerar o que já aconteceu com o dólar. O que aconteceu com o dólar ainda não é algo que torne uma catástrofe inevitável. Se você fosse para alguns outros países - Brasil ou Argentina, por exemplo - você estaria em um país que também tem inflação, mas uma inflação muito maior. E se você perguntasse a um homem no Brasil o que ele considera uma moeda estável que não cai no poder de compra, ele diria: "O dólar americano... isso é maravilhoso!" Claro, quando comparado com o dinheiro de seu país.

O problema do dinheiro, o problema prático do dinheiro hoje em todo o mundo é precisamente este: Os governos acreditam que na situação que indiquei antes, quando há uma escolha entre um imposto impopular e um muito popular despesas, há uma saída para eles - o caminho para a inflação. Isso ilustra o problema de se afastar do padrão-ouro.

O dinheiro é o fator mais importante em uma economia de mercado. O dinheiro foi criado pela economia de mercado, não pelo governo. Foi um produto do fato de que as pessoas substituíram passo a passo um meio comum de troca pela troca direta. Se o governo destrói o dinheiro, não apenas destrói algo de extrema importância para o sistema, mas também as economias que as pessoas reservaram para investir e cuidar de si mesmas em alguma emergência; também destrói o próprio sistema. A política monetária é o centro da política econômica. Portanto, toda a conversa sobre melhorar as condições, sobre tornar as pessoas prósperas por meio da expansão do crédito, da inflação, é fútil!

## 8. Inflação e Controles Governamentais

A cooperação humana pode ser organizada de acordo com dois modelos diferentes. Um é o modelo de governo absoluto por apenas um governante, o modelo socialista - tudo é organizado sob a liderança de um líder, der Führer. O termo não é muito usado na língua anglo-saxônica porque as pessoas não pensavam nele como um sistema que pode realmente funcionar. Mas nos países em que o socialismo prevalece o termo, der Führer, o líder, é muito conhecido. Nesses países, tudo depende desse regime autocrático; todos devem obedecer às ordens emitidas por uma autoridade central. Pessoas que gostam do sistema chamam de "ordem"; as pessoas que não gostam chamam de "escravidão".

É um sistema em que as pessoas devem obedecer às ordens emitidas por uma autoridade central é muito conhecido por qualquer pessoa que tenha servido em um exército. Para o exército, é o único sistema possível. Se alguém critica o sistema centralizado, não devemos esquecer que ele é adequado apenas para um propósito especial, para o fim especial que pode atingir.

A característica do mercado é que a governança não dá ordens que as pessoas devam obedecer; não controla os preços; preços e salários são determinados pela demanda e oferta no mercado. Esse sistema é o sistema que deu origem às constituições e a todas as mercadorias e serviços que, juntos, podem ser chamados de vida civilizada moderna. O oposto do mercado é a abolição do mercado e sua substituição pelo estado socialista ou comunista. Isso significa planejamento, planejamento central, onde tudo é determinado por decretos e ordens do governo.

Os funcionários do governo não podem ignorar a opinião pública; eles não podem ignorar as ideias e práticas do povo. O governo nunca está em uma posição para fazer as leis que desejar. Não se pode dar ao luxo de levar em consideração apenas as opiniões das pessoas que dirigem o governo. Portanto, as leis tendem a seguir práticas e teorias aceitas. E isso também é verdade no campo do dinheiro. Com relação ao dinheiro, o governo deve aceitar e reconhecer o dinheiro que resultou das ações e ideias dos indivíduos.

Tomemos a seguinte situação política. O governo quer gastar mais do que gastou até ontem, mas não tem dinheiro. E não quer tributar mais ou, por razões políticas, simplesmente não pode tributar mais. Nem pode pedir o dinheiro emprestado, porque, do ponto de vista deles, as condições para o empréstimo parecem insatisfatórias. O governo quer gastar mais e não quer cobrar impostos do povo. O governo quer aparecer como Papai Noel, que é uma situação muito agradável, uma situação mais popular do que a de um cobrador de impostos. Portanto, o governo não tributa o povo para conseguir o dinheiro para seus novos gastos; ele infla; ele imprime o dinheiro. O ponto importante a lembrar com relação à inflação é que, enquanto o dinheiro em circulação aumenta, outras coisas permanecem inalteradas. Essa inflação é muito barata, você sabe; é um procedimento muito barato. O que acontece depois? Os preços sobem. O governo, é claro, quer uma saída, uma solução, por isso está apto a tentar a fixação de preços. O governo falha em reconhecer o fato de que se o público realmente obedecer às suas ordens de fixação de preços, os vendedores venderão todo o seu suprimento de mercadorias a clientes regulares pelos preços anteriores ou fixos, resultando em que aqueles em cujos bolsos o dinheiro adicional for não encontre nada para comprar.

Quero dar um exemplo típico de como funcionam os controles de preços do governo. Na Primeira Guerra Mundial e novamente na Segunda, o governo alemão e o inglês, entre outros, embarcaram na inflação como meio de financiar a guerra. O acréscimo de dinheiro novo ao que já estava em circulação provocou uma tendência de alta dos preços que o governo não gostou. O governo queria negócios como de costume. Mas obviamente não era negócios usuais. Portanto, o governo alemão, assim como outros, recorreu ao controle de preços.

Agora, se os preços forem fixados abaixo do que teriam sido no livre mercado, os produtores de alto custo estão fadados a sofrer perdas. O governo começa, digamos, fixando o preço do leite. Como resultado, os produtores de custo mais alto deixam de trazer leite ao mercado e convertem seu leite em outros produtos finais, manteiga, por exemplo. Com isso, a quantidade de leite no mercado não só não aumenta, como diminui, justamente ao contrário do que o governo queria. O governo queria que o leite estivesse mais disponível para a família média, mas a quantidade de leite diminui. Quando o governo se dirige aos produtores para uma explicação, a resposta deles é que eles teriam sofrido perdas na produção de

leite por causa do preço que tiveram que pagar, digamos pela forragem, e, portanto, eles transformaram sua produção de leite em - ter para o qual não havia preço máximo fixo. O governo então fixa os preços da forragem. E então a mesma história se repete com forragem. Assim, o governo segue passo a passo até alcançar o que os alemães na Primeira Guerra Mundial chamaram de “Plano Hindenburg”, uma socialização completa de tudo.

O governo alemão faliu no final da guerra. Porém, vários anos depois, o governo Brüning restabeleceu o controle de preços, que Hitler levou à sua conclusão final. Os controles de preços transformaram a propriedade privada e a produção privada em um sistema de controle governamental completo de tudo. O comunismo alemão e o nacional-socialismo sob Hitler não expropriaram legalmente os proprietários dos meios de produção, mas cada passo econômico foi determinado pelo governo. Ainda eram empresários, embora o nome “empresários” tenha sido eliminado; eles eram chamados de “gerentes de loja”. Eles estavam à frente das organizações empresariais, mas tinham que cumprir completa e exatamente as ordens do governo. Eles tiveram que comprar matérias-primas a preços estabelecidos pelo governo, vender para outras empresas a preços determinados pelo governo, não existe um terceiro sistema econômico que possibilite, por um lado, o livre mercado e, por outro, evitar o socialismo ou o comunismo. A interferência no mercado acarreta inevitavelmente efeitos que, do ponto de vista das autoridades interferentes, são ainda piores do que o estado de ânimo que pretendiam alterar. Para fazer o sistema funcionar, as autoridades vão mais longe, passo a passo, até que surjam uma situação em que a iniciativa de todos os demais é destruída e tudo depende das autoridades, da liderança do governo.

O motivo pelo qual não temos controle de preços aqui hoje é por causa das experiências em outros países. O governo sempre repete que precisamos controlar os preços. No entanto, não diz aos fabricantes de cigarros que é proibido para eles aumentarem o preço de um maço em um centavo. Em vez disso, o governo tenta conversar com os fabricantes de cigarros e com os representantes de milhares de outras empresas para pressioná-los. Embora o governo ainda não tenha embarcado no controle de preços, na verdade não fez nada para impedir que o sistema atual opere de uma maneira que não gosta. Na verdade, muito pelo contrário. Ele criou inflação em nosso sistema atual - inflação até mesmo no significado popularmente aceito em que o governo usa o termo, ou seja, preços mais altos.

Vemos, portanto, que o problema do dinheiro é muito mais do que apenas o problema da organização do mercado. O mercado hoje luta por sua independência e existência. O governo tenta interferir no mercado e agora estamos apenas um dia, um ano, ninguém sabe a que distância do que se chama de controle de preços. E isso significa a abolição do mercado.

## 9. Dinheiro, Inflação e Guerra

Ora, pode-se dizer que há situações em que o governo é forçado a aumentar a quantidade de dinheiro, em que é a maior sabedoria do governo proceder desta forma. Tal situação seria quando o país fosse ameaçado de invasão por exércitos estrangeiros. O que o governo pode fazer então? Deve gastar mais. E como as pessoas não estão pagando impostos o suficiente e o governo não pode mais tributá-las porque elas não têm mais dinheiro, o governo tem que imprimir dinheiro. Para ver se esse raciocínio está correto, vamos agora falar sobre problemas históricos.

O que isso significa que existem algumas situações em que você não pode evitar a inflação? Fala-se de um caso particular - guerra! Agora por favor! Em uma guerra, os governos precisam de armamentos e várias outras coisas para defender o país - não quero enumerá-los. Todas essas coisas devem ser produzidas e custam dinheiro. Se os cidadãos não estiverem preparados para fornecer os armamentos ou dar o dinheiro para pagar pelos armamentos, então seu país será derrotado na guerra, e o país se tornará dependente. Mas um aumento na quantidade de papel-moeda não muda isso.

Pode haver certas condições em que o governo inflou e pode-se dizer que a situação era tal que a alternativa à inflação, de aumentar a quantidade de dinheiro, também era muito ruim. Quando as colônias americanas estavam lutando contra a Inglaterra na Guerra da Independência, elas iniciaram a inflação. A alternativa, suponhamos, teria sido a derrota, porque certamente aos olhos dos responsáveis por essa inflação, por esse aumento da quantidade de dinheiro, essa era a alternativa. Pode-se dizer que, se realmente fosse possível preservar a independência de o que mais tarde se tornou os Estados Unidos por causa da inflação, então a inflação foi justificada. A catástrofe não poderia ser evitada então. Mas a catástrofe, o colapso dessa moeda em 1781 depois da Guerra Revolucionária, não significou a mesma coisa que significaria anos depois, quando as condições econômicas mudassem. Nos anos da Guerra Revolucionária, as colônias americanas eram um país predominantemente agrícola; a maioria das pessoas era proprietária ou trabalhadora de um pedaço de terra agrícola e poderia sobreviver à catástrofe que o colapso da moeda americana, a moeda

continental, significou após a Guerra Revolucionária. Conseguir comida não era então uma questão de ir ao mercado. Eles não usavam dinheiro para comprar comida e quase nenhuma outra coisa. Quando o governo continental inflou em portanto, todo o problema da inflação era de menor importância para os americanos no final da Guerra Revolucionária.

Não podemos comparar as condições de hoje nos Estados Unidos com as dos Estados Unidos de 1781. Hoje não temos mais o sistema simples que existia naquela época, segundo o qual a economia monetária significava muito pouco para a maioria das pessoas. Já tivemos outros exemplos semelhantes no passado. Mas nas condições de uma sociedade altamente desenvolvida, na divisão do trabalho nas condições da sociedade em que praticamente todos dependem de trabalhar para outras pessoas e são pagos com dinheiro e usam esse dinheiro para comprar coisas, nessas condições que não tenho que descrever porque são conhecidos por todos, uma quebra da moeda significaria algo completamente diferente. Não há desculpa para um governo que hoje recorre à inflação dizendo: “Mas, não se esqueça, temos uma velha tradição de inflação. Somos uma nação independente hoje porque tivemos uma inflação na Guerra da Independência, na Revolução.” Você não pode comparar as condições.

Havia também, por exemplo, o grande problema dos Estados Unidos, o maior problema histórico dos Estados Unidos, a Guerra Civil na década de 1860. Lá estavam os Estados do Norte e os Estados do Sul. E os estados do sul estavam em uma situação muito ruim porque tinham muito pouca indústria. Sua produção agrícola era grande, mas suas indústrias não estavam em condições de produzir os armamentos necessários. Desde o primeiro dia da Guerra Civil, esta foi uma situação muito infeliz para os sulistas, especialmente porque a Marinha do Norte estava em posição de impedir o comércio entre os Estados do Sul e os países europeus que iam e puderam enviar armamentos para o sul. Agora é impossível melhorar a situação militar de um país pela inflação, mesmo em um país em que todos os materiais necessários para a guerra estão disponíveis.

Portanto, mesmo do ponto de vista das necessidades de uma situação em que um país luta pela sua sobrevivência, a inflação assim sendo não é uma medida para melhorar as condições. Agora, a escassez de armamentos não podia ser afetada de forma alguma pelo fato de o governo de secessão ter aumentado a quantidade de dinheiro. Mas se você fosse um estadista nos

Estados do Sul e já estivesse se aproximando da derrota, e alguém lhe perguntasse: "Você não sabe que imprimir dinheiro, notas, mais e mais notas de dólar da qualidade do Sul, vai destruir este sistema?" esse estadista sulista teria respondido: "Por que você está falando sobre o dinheiro? O problema agora é se os Estados do Sul, nosso sistema, que é mais importante do que qualquer outra coisa no mundo, devem sobreviver ou não. Nossa guerra ou rebelião ", depende de como você encarou este problema," acabou ". Ele poderia imprimir dinheiro para tentar conseguir o que era necessário para continuar lutando. E assim ele imprimiu as notas e mais e mais notas.

Com a eclosão da Guerra Mundial I, muitos governos que não haviam se reorganizado para a inflação anteriormente e fornecido todo o dinheiro de que precisavam por meio de impostos, começaram a imprimir notas bancárias adicionais, notas de papel. O efeito foi necessariamente um movimento de alta dos preços. Os governos provavelmente não eram tão ingênuos a ponto de não saberem o que seus novos métodos de fornecer dinheiro para os gastos do governo poderiam resultar. Os governos sabiam que a política de adicionar enormes quantidades de dinheiro novo ao mercado necessariamente geraria uma tendência a preços mais altos. Mas o que o governo fez? Com a eclosão da guerra, com a mudança de suas políticas, eles também começaram a fazer leis que puniam pessoas que, segundo as ideias do governo, estavam pedindo preços mais elevados pelas commodities do que antes. O que os governos de alguns países, de muitos países, fizeram a esse respeito é simplesmente inacreditável - eu diria que foi uma "fraude" - eles introduziram um novo crime, um novo método de punir os cidadãos. Declararam haver crime especial de lucratividade. E eles começaram a prender pessoas. Por quê? Porque, disseram esses governos, essas pessoas eram lucrativas; eles estavam pedindo mais do que antes, mais do que o governo achava necessário.

Não quero dizer que a inflação é um vício e chamá-la de "imoral". Não ligo para esse método de criticar a inflação. Mas, falando sério, há algo sobre a inflação que podemos saber com certeza. Você não pode dizer hoje se as pessoas no governo amanhã ou depois de amanhã não escolherão, por algum motivo, aumentar a quantidade de dinheiro, isto é, inflar. Eles podem ter uma desculpa. Eles vão dizer: "A inflação é ruim. Nunca deve haver qualquer questão de inflação. " E depois acrescentam: "Sim, mas não levamos em consideração as condições de uma guerra importante.

Realmente, esta situação não existia antes. ” E então eles vão aumentar a quantidade de dinheiro.

Em um dos muitos países beligerantes dos últimos cinquenta anos, havia um Ministro das Finanças que, quando perguntado “Por que você inflou? Não é um crime que você esteja destruindo a moeda do seu país, emitindo mais dinheiro e, portanto, aumentando os preços? ” respondeu: “Em tempo de guerra, é dever de cada cidadão de cada ramo do governo e de todas as partes do país contribuir tanto quanto possível para a defesa do país. Deste ponto de vista, como Ministro das Finanças, contribuí imprimindo dinheiro.”

Os alemães antes da Primeira Guerra Mundial eram altamente inteligentes e patrióticos. Mas, infelizmente, por décadas e décadas, o governo e todos os professores que ele nomeou para as universidades ensinaram economia muito ruim, especialmente economia monetária. Há sessenta anos, um professor alemão, professor de economia de grande renome, GF Knapp, declarou: “Dinheiro é o que o governo diz que é. O dinheiro é um produto do governo. O governo é soberano e livre para fazer o que quiser. ” Ele não estava dizendo nada novo. A única coisa nova é que um professor estava dizendo isso, que todas as pessoas no governo disseram: “Tudo bem” e que mesmo aqueles que não disseram “tudo bem” agiram como se achassem que estava tudo bem. Isso significava que os governos reivindicaram o privilégio de declarar o que as pessoas tinham em suas mentes quando fizeram acordos relativos a dinheiro. Não foi notável que o professor disse isso, você sabe - professores às vezes dizem coisas que não são notáveis. Mas o mais notável é que as pessoas aceitaram.

Um economista americano, BM Anderson, previu que a influência do professor Knapp seria tal que os alunos provavelmente “teriam que ler seu livro se desejassem compreender a próxima década da história alemã... Olhe para sua teoria alemã, olhe para a chamada doutrina econômica alemã sobre dinheiro e então você verá o que acontecerá com o dinheiro alemão.” E ele estava<sup>6</sup> perfeitamente certo!

O resultado veio logo. Quando a Alemanha foi para a guerra, o governo não percebeu- e menos ainda as pessoas perceberam- que o que se precisa para lutar na guerra não é papel-moeda, mas armas e várias outras coisas. Então eles imprimiram papel-moeda. E eles imprimiam papel-moeda dia e noite. O resultado foi que o papel-moeda alemão da pré-Primeira Guerra

Mundial I se deteriorou em valor. A paridade com o dólar americano em 1914 expressa em marcos alemães era de 4,2 marcos como havia sido durante 60, 80 e 100 anos antes. Você sabe quanto custa um selo postal. A política monetária alemã de aumentar a quantidade de dinheiro, imprimindo-o continuamente, até que um selo postal alemão no início de nosso século custou vários milhões de marcos. Imagine a situação que se desenvolveu em 1923 quando alguém que comprou um selo para enviar uma carta para a próxima aldeia teve que pagar várias centenas de milhões de marcos. Vinte milhões de marcos era mais do que a riqueza das pessoas mais ricas da Alemanha no período anterior. Ao final dessa inflação, nove anos depois, o dólar estava em 4,2 bilhões de marcos, o que é puramente fantástico porque não há quem tenha uma ideia, uma ideia viva, do que é um bilhão. Esse foi o resultado da doutrina econômica de que o dinheiro era uma criação do governo. O fato de o governo ter impresso dinheiro, de o governo ter aumentado a quantidade de dinheiro, não melhorou a situação das forças armadas alemãs ou da resistência alemã. Foi simplesmente uma tentativa de enganar o povo na Alemanha e fora da Alemanha sobre os efeitos da guerra.

É verdade que o Reichsbank imprimiu cada vez mais papel-moeda. Mas o significado dessa famosa inflação alemã de 1923 consistia no fato de que esses pedaços de papel tinham curso legal. Agora, o que isso significa? O governo assumiu o direito de dizer não apenas o que era dinheiro, mas também de decretar o que as pessoas deveriam aceitar como dinheiro. A legislação legal para licitações torna impossível que qualquer pessoa se recuse a aceitar o papel-moeda. Da mesma forma, a inflação do dólar americano hoje [1969] consiste no fato de que o dólar de papel tem valor de curso legal e ao mesmo tempo que a posse de ouro é tornada ilegal. As reservas de ouro foram confiscadas e tornou-se ilegal negociar com ouro.<sup>7</sup>

## 10. O Lado Constitucional da Inflação

Quando falamos sobre essas coisas, não devemos esquecer que elas não têm apenas um lado econômico; eles também têm um lado constitucional. Você pode dizer que o governo é a instituição mais importante. O governo é muito importante em muitos aspectos. Talvez se superestime a importância do governo, mas sim não superestimar a importância de um bom governo.

As constituições modernas, os sistemas políticos de todas as nações que não são governados por déspotas bárbaros, baseiam-se no fato de que o governo depende financeiramente do povo, indiretamente dos homens que os eleitores elegeram para a assembleia constitucional. E esse sistema significa que o governo não tem poder para gastar nada que não lhe seja dado pelo povo, através dos procedimentos constitucionais que permitem ao governo arrecadar impostos. Esta é a instituição política fundamental. E é um problema político fundamental se o governo pode gerar inflação. Se o governo tem o poder de imprimir seu próprio dinheiro, este procedimento constitucional torna-se absolutamente inútil.

Todo o nosso sistema político é baseado no fato de que os eleitores são soberanos, que os eleitores estão elegendo o Congresso e outras instituições semelhantes nos vários estados que governam o país. Chamamos os Estados Unidos de democracia porque o governo do país está nas mãos dos eleitores. Os eleitores determinam tudo. E isso distingue o sistema, não só dos sistemas despóticos de outros países, mas também das condições que prevaleciam nos dias anteriores, em países que já tinham instituições parlamentares e governo parlamentar, naquela época. No entanto, desenvolveu-se, especialmente na última década, um problema de direito constitucional, isto é, se o governo deve obter a aprovação do povo no Congresso quando quiser gastar, ou se o governo, por estar estabelecido e ter à sua disposição uma série de homens armados, é livre para gastar como quiser, simplesmente aumentando a quantidade de dinheiro. As pessoas devem perceber que a questão é “Quem deve ser soberano? Os parlamentos eleitos pelos eleitores, que podem restringir os gastos do governo recusando-se a conceder o poder de tributar? Ou instituições que querem anular os interesses do povo, aumentando a quantidade de dinheiro para

expandir os gastos do governo e, assim, acabar com a prerrogativa e a independência do eleitor individual?”

Se não conseguirmos restaurar o sistema monetário que torna o indivíduo independente até certo ponto da interferência de instituições governamentais, bancos governamentais, autoridades monetárias governamentais, controle de preços pelo governo e assim por diante, perderemos todas as conquistas do livre mercado e da livre iniciativa dos indivíduos, quaisquer que sejam os métodos de direito constitucional que seguirmos. Se o governo pode inflar sempre que quiser gastar, pode tirar do povo sem seu acordo tudo, seu poder de compra, suas economias, e assim por diante. Deste ponto de vista, desaparece até o princípio fundamental que todos veem como a diferença entre um governo comunista e um governo baseado na ideia de liberdade individual.

Se você olhar para a história constitucional da Inglaterra no século, descobrirá que os Stuarts tiveram problemas com o Parlamento britânico. O conflito consistia precisamente no fato de que o Parlamento não estava preparado para dar ao rei da Inglaterra o dinheiro de que ele precisava para fins que o Parlamento não aprovava. O povo desaprovava grande parte dos gastos do governo e o Parlamento não se preocupava em cobrar impostos. Os reis Stuart queriam gastar mais do que o Parlamento estava preparado para lhes dar. Se o Rei naquela época, digamos 1630 tivesse perguntado a um dos que hoje são considerados especialistas em finanças governamentais: “O que posso fazer? Eu não tenho dinheiro!” o “especialista” teria dito: “Infelizmente, sua família, os Stuarts, assumiram precocemente sua posição de governantes. Duzentos anos, trezentos anos depois, seria muito mais fácil para um governo como você deseja governar o país. Uma impressora teria sido suficiente para possibilitar que seu governo gastasse todo o dinheiro necessário para ter um exército e as outras coisas necessárias para proteger o rei contra o povo.” Mas os pobres Stuarts viviam em uma época em que a técnica de produção de papel o dinheiro não havia sido desenvolvido em uma extensão considerável. Charles, eu não pude inflar, você sabe. Não havia solução para ele; ele não podia se envolver em gastos deficitários. Essa foi a ruína da família Stuart e do regime Stuart. E no conflito que se originou disso, um membro da família Stuart perdeu a vida de uma forma muito desagradável Charles I perdeu a cabeça. E a família Stuart, como tal,<sup>8</sup> perdeu a coroa da Inglaterra.

O que os pobres Stuarts não tinham era a facilidade da impressora como existe hoje.

O problema monetário contra o qual temos de lutar hoje é o problema de pagar pelos gastos do governo que não são aceitos ou, digamos, não aprovados pelo povo. A conduta de ares governamentais, ares públicos, não difere da conduta financeira e monetária de ares privados. Se o governo quer gastar, tem que arrecadar o dinheiro; deve sobrecarregar as pessoas. Se não tributa, mas aumenta a quantidade de dinheiro para gastar mais, então provoca uma inflação. A diferença entre as condições na Inglaterra do século XVIII e as condições em outros países, digamos por exemplo na Rússia, consistia no fato de que o governo russo era livre para tirar de seus súditos o que quisesse enquanto o governo britânico não foi. O governo britânico teve que cumprir as disposições de um conjunto de leis que limitavam a quantidade de dinheiro que o governo tinha o direito de cobrar de seus cidadãos. E teve que gastar esse dinheiro exatamente de acordo com os desejos do povo.

Todas as nossas leis constitucionais e nosso sistema de governo baseiam-se no fato de que o governo não tem permissão para fazer nada que viole este sistema de leis que representa as ideias e filosofias morais e reais de nosso povo. Mas se o governo está em posição de aumentar a quantidade de dinheiro, todas essas provisões se tornam absolutamente sem sentido e inúteis. Se se diz que o governo tem de gastar, tem direito de gastar, uma quantia definida de dinheiro para manter as pessoas nas prisões, isso significa alguma coisa. Existe uma razão definida para seus gastos. Todas as nossas disposições legais são influenciadas até certo ponto pelo fato de que esta é a quantia de dinheiro que é dada ao governo para esse fim. Mas se o governo estiver em posição de aumentar a quantidade de dinheiro para usar para seus próprios fins, então, todas essas coisas se tornam meramente uma expressão teórica de algo que praticamente não tem nenhum significado. Não devemos esquecer que toda a proteção concedida aos indivíduos por meio de constituições e leis desaparece se o governo está em posição de destruir o significado de cada um.

Henry relação inter-humana, minando o sistema de troca indireta e dinheiro que é chamado de mercado. E isso é muito mais importante do que qualquer outro problema de que falamos hoje. É a interferência do governo

na violência que estragou o dinheiro, que destruiu o dinheiro no passado e que talvez o esteja destruindo novamente hoje.

Há alguns anos, era comum ler citações que diziam que Lênin dizia que o melhor método para destruir o sistema de livre empresa seria destruir o sistema monetário. Agora, um professor na Alemanha demonstrou que Lênin nunca disse isso. Mas se Lênin tivesse dito isso, teria sido a única coisa correta que ele disse.

O problema monetário que temos neste país, que você tem em todos os países hoje, é o mesmo - manter o orçamento em equilíbrio, equilibrar receitas e despesas, receitas e despesas sem imprimir uma quantidade adicional de notas, sem aumentar a quantidade das unidades monetárias. Esse não é um problema apenas de economia. É também o problema fundamental do governo constitucional, você sabe. O governo constitucional se baseia no fato de que o governo só pode gastar o que arrecadou em impostos. E só pode tributar o povo se o povo o aceitar pelo voto de seus representantes no parlamento. E assim os eleitores são os soberanos. O problema da gestão monetária em um país moderno não pode, portanto, ser separado do problema constitucional, da doutrina que diz que todos os problemas de governo, todas as questões governamentais são decididas em última instância pelo voto do povo. Se você chama isso de democracia ou governo popular, não faz nenhuma diferença. Mas não há problema monetário ou orçamentário que possa ser separado do problema constitucional de quem governa o país, quem determina em última instância o que deve ser feito no país.

## 11. Capitalismo, os Ricos e os Pobres

É uma suposição muito popular - criticada apenas muito raramente pelas pessoas - que o sistema capitalista traz condições satisfatórias para uma minoria de privilegiados, enquanto as massas se tornam cada vez mais pobres. De todos os enormes problemas relacionados com a crise monetária, quero lidar com esse problema especialmente porque a mais popular, ou uma das mais populares, ideias do marxismo é que o sistema do capitalismo traz o empobrecimento progressivo, a deterioração progressiva do marxismo. o estado econômico do ar das massas, para o benefício de um número cada vez menor de pessoas que se tornam cada vez mais ricas de ano para ano.

As pessoas acreditam que o que está acontecendo com esses problemas monetários hoje diz respeito aos ricos e que as pessoas simples não se interessam tanto. Quero mostrar como essa ideia é errônea. Pensa-se que quando o governo inflaciona e, como resultado, diminui o poder de compra da unidade monetária, isso é uma vantagem para as massas, para a grande maioria do povo, e que apenas os ricos sofrem. Se você não quiser usar o termo “sofrimento”, digamos que você tenha que pagar preços mais altos pelas coisas. Ora, esta ideia de que as pessoas interessadas não são as massas, não a maioria das pessoas, mas apenas as pessoas ricas e que só as pessoas mais ricas e mais ricas estão em causa, baseia-se numa doutrina antiga.

Essa doutrina estava perfeitamente correta nos dias de Sólon (638-559 a. C.) de Atenas, ou nos dias da Roma antiga, dos irmãos Graco (mortos em 121 d. C. e 133 d. C.), ou na Idade Média. Na era pré-capitalista, os ricos possuíam terras e eram, portanto, ricos. Eles poderiam economizar, aumentar suas posses investindo em imóveis, casas, negócios, propriedades fundiárias. Ou eles poderiam aumentar suas fortunas lidando de uma forma mais servil com as florestas que possuíam. Por outro lado, havia pessoas que eram pobres, muito pobres, pessoas que não tinham nada, que às vezes ganhavam um pouco de dinheiro, mas que realmente não tinham oportunidade de acumular nada para melhorar suas condições. Sob condições antigas, as massas não tinham oportunidade de salvar; o pobre homem só tinha a possibilidade de ganhar algumas moedas, talvez e de

esconder essas moedas em algum lugar, talvez em um canto escuro de suas instalações, mas isso era tudo. Ele sempre estaria sob a tentação de gastá-los. Ou ele poderia perdê-los. Ou alguém pode roubá-los. Os pobres não estavam em posição de fazer suas economias crescerem emprestando-as a juros. Mesmo na Inglaterra, o país capitalista mais avançado do século XVIII, não foi possível, para um homem pobre economizar, exceto acumulando algumas moedas em uma meia velha escondida em algum lugar de sua casa. Essas economias não rendiam juros. Somente os ricos podiam investir dinheiro com juros, talvez em hipotecas e assim por diante.

Naquela época, quando as pessoas falavam de credores e devedores, tinham em mente um estado de espírito em que quanto mais rico um homem era, mais credor ele era, e quanto mais pobre um homem era, mais devedor ele era. Toda a ideia baseava-se no pressuposto de que o governo deveria ajudar os pobres que têm dívidas pesadas, enquanto os ricos que têm dívidas são ricos o suficiente. Portanto, o método pelo qual o governo diminui o poder de compra da unidade monetária ajuda os devedores, porque suas dívidas estão diminuindo, e ao mesmo tempo vai contra os credores porque seus créditos também estão diminuindo.

Temos a tendência de pensar que a situação hoje é semelhante, que os ricos hoje são credores, certamente que não têm dívidas e não são devedores. Mas não vivemos mais nas condições em que os autores lidaram com esses problemas na era pré-capitalista. A situação é muito diferente hoje. É muito diferente porque temos uma organização muito diferente dos negócios, das reivindicações comerciais e da adaptação dos negócios aos vários indivíduos. O capitalismo enriqueceu as massas, não todas, é claro, porque o capitalismo ainda tem que lutar contra a hostilidade dos governos. Mas nas condições capitalistas não é mais verdade que os credores são os ricos e os devedores são os pobres. O capitalismo desenvolveu um grande sistema que torna possível para as massas das camadas mais pobres da população, o negócio. Os ricos são proprietários, por exemplo, das ações ordinárias de uma empresa. Mas as corporações devem dinheiro, ou porque emitiram títulos, títulos corporativos ou porque têm algum vínculo atual com um banco, empregando dinheiro emprestado a eles pelos bancos na condução de seus negócios. Assim como os grandes milionários, os donos de imóveis, os donos de ações ordinárias, e assim por diante, são devedores a esse respeito. As massas, as pessoas que chamamos de menos ricas do que as mais ricas, investiram suas economias em depósitos de poupança, em

títulos, em apólices de seguro e assim por diante. E os bancos tiram dinheiro das contas de poupança de simples cidadãos que, portanto, são credores. E se você fizer algo, como fazem praticamente todos os governos, contra o poder de compra da unidade monetária hoje nas condições atuais, você está prejudicando não os ricos, mas as classes médias e as massas de gente que estão salvando a vida inteira para ter uma velhice melhor e para poder educar seus filhos e assim por diante.

O fato de que os títulos do governo são, em certa medida, isentos de impostos significa que o governo concede privilégios especiais aos ricos para atraí-los ao mercado de títulos do governo e, assim, se tornarem credores. É um sistema muito complicado; poder-se-ia chamar o sistema simplesmente de privilégios na forma de redução de impostos, a fim de fazer com que as camadas mais ricas da população também se interessassem em comprar títulos do governo e, dessa forma, possibilitar ao governo gastar mais. Mas, em geral, temos que dizer que a grande, a muito maior parte dos privilégios, dos "benefícios" - "benefícios" entre aspas - que o povo obtém da política inflacionária do governo não vai para o massas, mas para aqueles que estão em melhor situação. E assim os "benefícios" da inflação são pagos pelas massas.

Não muito tempo atrás, houve o poderoso movimento nazista na Alemanha. O que quer que você diga sobre a Alemanha, você não pode dizer que era um país analfabeto. Você não poderia dizer que a população da Alemanha era inexperiente nos problemas do capitalismo e do industrialismo moderno. Naquele país, a Alemanha, um dos principais slogans, um slogan muito popular que trouxe milhões de votos ao Partido Nazista foi: “Acabar com a escravidão por juros. Vocês são escravos de pagar juros aos ricos e vamos acabar com a escravidão por juros.” Ora, o que era esse “interesse escravidão”? Foi uma ideia fantástica, sabe, porque era realmente para as massas, as pessoas mais pobres, a quem as grandes corporações e outras instituições semelhantes pagavam juros. No entanto, praticamente ninguém se opôs a esse slogan. Um eminente jornal alemão, talvez o mais bem informado da Alemanha jornal masculino no que diz respeito aos problemas econômicos, o FRANKFURTER ZEITUNG, publicou um artigo no qual dizia: “Vocês que aceitaram este programa do Partido Nazista de acabar com a escravidão por juros, sabe que são credores e não devedores? “E eles eram, mas eles não sabiam disso. No dia em que o FRANKFURTER ZEITUNG publiquei esse artigo em sua primeira página,

eu estava a caminho de Londres, viajando no trem expresso de uma extremidade da Alemanha à outra, da fronteira austríaca da Alemanha à fronteira holandesa. Eu pude observar as pessoas lendo este artigo e disse a mim mesmo: “Eles não entendem essas coisas, então elas são limitadas a sofrer as consequências. ” E sofreram as consequências? Claro! A marca passou a zero. Isso significava que todos os ativos, todas as poupanças do povo, dos credores, desapareceram, em benefício dos devedores.

As pessoas em um país como os Estados Unidos estão economizando nos anos em que estão em pleno vigor e podem ganhar dinheiro. Eles estão economizando não apenas para atender a condições inesperadas que podem surgir um dia; eles estão economizando sistematicamente para ter uma renda sem trabalhar mais na velhice. Por exemplo, as pessoas estão fazendo apólices de seguro de vida; eles estão acumulando depósitos de poupança; e estão fazendo acordos com seus empregadores segundo os quais seus empregadores são obrigados a pagar-lhes quantias definidas como direitos de pensão mais tarde; e assim por diante. Agora, quando há uma inflação acontecendo, todas essas pessoas estão sofrendo, sofrendo porque estão continuamente perdendo com o progresso da inflação, porque o progresso da inflação significa que o poder de compra da unidade monetária diminui. Se quisermos ter um sistema em que o indivíduo possa planejar sua própria vida e a de sua família, se quisermos ter um sistema em que as pessoas possam dizer: “Se eu tiver a oportunidade de trabalhar e salvar, vai melhorar minhas próprias condições e as condições de minha família. ” Então você deve ter um sistema regular do que costumamos chamar de "segurança burguesa". Mas se os governos destroem as poupanças de seus cidadãos repetidas vezes, inflando, eles geram uma situação em que as pessoas fazem o que essas pessoas em vários países comunistas europeus fizeram e na qual ouvimos repetidamente falar de violência e ações de destruição. ”Então você deve ter um sistema regular do que costumava ser chamado de“ segurança burguesa ”. Mas se os governos destroem as poupanças de seus cidadãos repetidas vezes, inflando, eles geram uma situação em que as pessoas fazem o que essas pessoas em vários países comunistas europeus fizeram e na qual ouvimos repetidamente falar de violência e ações de destruição. ”Então você deve ter um sistema regular do que costumava ser chamado de“ segurança burguesa ”. Mas se os governos destroem as poupanças de seus cidadãos repetidas vezes, inflando, eles

geram uma situação em que as pessoas fazem o que essas pessoas em vários países comunistas europeus fizeram.

O exemplo da Alemanha pode ajudá-lo a perceber que ainda há muitas coisas a serem aprendidas sobre os problemas econômicos por todos, não apenas pelos gerentes de grandes bancos, editores profissionais de revistas de negócios e assim por diante. É por isso que acho que todos deveriam estar interessados nesses problemas, não porque são mais importantes do que outras coisas, nem pelo fato de que se deve aumentar sua teoria conhecimento civil, mas pelo fato de que se deve saber, na qualidade de eleitor e de cidadão, como cooperar na formação do próprio país, da nação e de todo o sistema econômico mundial. Essa é uma das razões pelas quais devemos lidar com esses problemas. Eles não são muito interessantes para muitas pessoas; eles não são fáceis de estudar; mas há razões para dizer que são fundamentais para a preservação da própria segurança econômica. Temos que mudar a opinião das pessoas que acreditam que o problema monetário é algo que diz respeito apenas a grupos de empresas, pequenos grupos de pessoas e assim por diante.

## 12. A Desvalorização da Moeda nos Tempos Antigos

Há uma tendência muito ruim de alguns historiadores de atribuir virtudes às gerações passadas e vícios aos que vivem hoje. Ficaria muito infeliz se você acreditasse que o que eu queria dizer é que todas as idades eram muito virtuosas e que a inflação só apareceu depois da invenção da imprensa e do desenvolvimento do papel-moeda. Mas já existiam inflacionistas em idades muito antes da imprensa. Você não deve acreditar que a inflação é um vício somente de nossa idade. Mas os primeiros governos tiveram um problema mais difícil do que os governos modernos; os antigos governos tinham que lidar com dinheiro fabricado, cunhado, com metais preciosos de prata ou ouro. E nem a prata nem o ouro podem ser aumentados em quantidade da mesma forma que o papel pode ser aumentado e carimbado como dinheiro.

Repetidamente, surgiam problemas devido ao fato de que essas peças, essas moedas de dinheiro, eram tratadas de uma maneira que violava acordos e feria o interesse de algumas pessoas em benefício de outras. Se você quiser estudar esse processo hoje, vá a um museu onde há moedas cunhadas no passado e veja o que aconteceu com as moedas de prata do antigo Império Romano do século III. Em uma cidade como Nova York, especialmente, você tem uma grande variedade dessas coleções. Você pode olhar para essas moedas de vários pontos de vista. A maioria das pessoas os vê do ponto de vista da estética, mas você também poderia vê-los do ponto de vista da história, não das moedas, mas do dinheiro. E aí você verá o que os governos fizeram para lucrar falsificando o sistema de dinheiro, aumentando ilegalmente e contra a vontade do povo.

Os vários tipos de dinheiro frequentemente precisavam combater duas doenças. Uma doença, o corte de moedas, ocasionou uma redução no tamanho e peso das moedas de dinheiro. E a segunda doença, que muitas vezes estava ligada à primeira, mudou a cor das moedas de prata, praticamente as únicas que se usavam naquela época. O que esses antigos governos frequentemente faziam era cunhar as moedas na forma tradicional, mas eles misturavam com a prata ou o ouro algum metal menos precioso como o cobre. Infelizmente, o cobre tem outra cor de prata e outro peso específico, então ele poderia ser descoberto por pessoas que tivessem os métodos e instrumentos tecnológicos disponíveis. Foi um processo muito

difícil. Mas eles fizeram isso. E eles não mencionaram isso. As moedas mudaram lentamente de cor com o passar dos anos, tornaram-se um pouco avermelhadas, não por terem sido afetadas por ideias políticas comunistas, que hoje chamamos de “vermelhas, ”, Mas porque os governos que os manufaturaram colocaram mais e mais cobre nas moedas que se supunha conterem apenas prata pura. Quando os governos se tornaram cada vez mais agressivos, digamos, e acrescentaram mais e mais cobre, a cor das moedas mudou ainda mais. Além disso, a maioria das pessoas não é daltônica, especialmente no que diz respeito ao dinheiro. Isso foi demais para o povo. Portanto, não foi muito fácil continuar mantendo essa ficção. As moedas ficaram mais vermelhas e mais finas e mais finas. Portanto, não foi muito fácil continuar mantendo essa ficção. As moedas ficaram mais vermelhas e mais finas e mais finas. Portanto, não foi muito fácil continuar mantendo essa ficção. As moedas ficaram mais vermelhas e mais finas e mais finas.

O governo afirmava que as novas moedas cunhadas por eles não eram diferentes das moedas cunhadas antes. De uma forma ou de outra, sempre foi uma catástrofe para os cidadãos que não sabiam como combatê-la. Mas foi um pequeno mal, apesar do fato de que os efeitos, os efeitos inevitáveis da inflação, tornaram-se visíveis mesmo naquela época. Demorou algum tempo para que os cidadãos simples o descobrissem. Mas mesmo cidadãos com muito pouca informação e conhecimento de metal poderiam descobrir as diferenças entre uma moeda legal e ritualmente [apropriadamente] inventada e outra que não o era. O povo logo descobriu que o governo podia gastar mais, e gastou mais, do que antes. E os preços subiram.

O muito famoso imperador romano, Diocleciano (286-305 d.C), era muito conhecido na história religiosa - eu não diria por suas boas ações - mas ele também era conhecido na história dos anais monetários. Quanto mais o teor de prata da moeda caía em relação ao teor de cobre, mais os preços subiam. E Diocleciano se comportou da mesma maneira que nosso governo atual. Ele disse que a culpa era de outra pessoa, do empresário. E, portanto, ele recorreu a preços máximos. Nossos preços máximos são impressos em papel, mas no século I, na época do imperador Diocleciano, esse sistema de preços máximos era impresso na pedra, como fazemos nossos monumentos. Portanto, sua interferência com o mercado foi preservada por causa de sua lei de preços. Ainda hoje gravamos na pedra a Lei de Diocleciano, na qual decretou tetos de preços, tetos máximos de

preços, com o mesmo sucesso - ou digamos com o mesmo insucesso - com que se encontram os nossos tetos de preços atuais.

O poder de cunhagem do governo, o poder de cunhagem, começou simplesmente com o fato de que o governo disse: "Esta é uma quantidade definida, um peso definido e uma qualidade definida do metal precioso." Anteriormente, segundo o antigo direito romano, o direito romano original, o ato de compra de terras exigia a presença de um homem com balança para estabelecer o peso correto da quantidade de metais preciosos que entravam na transação. No final desse desenvolvimento, o governo presumiu que tinha o direito de dizer o que é o metal precioso e que quantidade definida desse metal precioso é. Uma evolução de milhares de anos - realmente milhares de anos porque havia tais problemas sob certas condições há 2000 anos atrás , significa que os governos tentaram interferir no mercado, interferindo no dinheiro.

## **13. Muitos Professores de Economia Acreditam no Aumento da Quantidade de Dinheiro**

Muitos professores famosos de economia pensam que a oferta de dinheiro é insuficiente. É inacreditável, mas já há muito tempo, há muitos anos, livros que dizem, a cada nova edição, que a quantidade de dinheiro deve aumentar em 2%, 5% ou 7%. Eles mudam de ano para ano, isso não importa, a quantidade que eles recomendam não é tão importante, o importante é que eles digam que esse aumento é bom do ponto de vista de suas políticas. Maravilhoso! O governo, os bancos, podem distribuir mais dinheiro, mas não podem distribuir mais bens. E esse é o problema. Como esse dinheiro adicional aumentará os preços dos bens, aqueles que não receberem esse dinheiro adicional serão prejudicados. E é isso que as pessoas não percebem, o que não veem. Se esse dinheiro aumenta a cada ano, significa que apenas outros grupos podem dizer “Por que nós não conseguimos mais?” E o governo também dá uma quantidade a eles e também a outros. E esta é a situação que temos hoje. A pergunta sempre será: a quem você dá essa quantidade adicional? Porque se a quantidade adicional for dada a outra pessoa, suas condições serão prejudicadas.

Não digo que a quantidade de dinheiro deva ser aumentada, ou que deva ser diminuída. Não faz sentido se as pessoas reclamarem em seus livros didáticos sobre o aumento da riqueza de alguns grupos da população e da diminuição da riqueza de outros grupos da população e então recomendar políticas que trarão exatamente aquelas condições que consideram erradas. Do ponto de vista da maioria das pessoas, das massas, um aumento na oferta de moeda é ruim.

No entanto, esses métodos inflacionários são muito populares. Eles são populares porque são muito confortáveis para o governo. Eles também se sentem muito confortáveis do ponto de vista de cada membro individual de um órgão parlamentar. O parlamentar não é responsabilizado por impostos mais altos, mas aceita com prazer a responsabilidade por gastos maiores. Portanto, se você ler aqueles relatórios dos órgãos parlamentares que não são reimpressos em todos os jornais, você descobrirá que a maioria dos membros do Parlamento, de qualquer parlamento - não estou falando dos parlamentos dos países representados nesta sala - são muito rápidos em

sugerir despesas adicionais e sugerir impostos adicionais do tipo que os eleitores em seu distrito fazem não pagamento. Ao mesmo tempo, apresentam algumas inibições em relação ao que consideram uma injusta sobrecarga de impostos sobre seus próprios eleitores.

Certa vez, ouvi um funcionário do governo, o ministro das finanças de um país famoso por sua inflação e não por qualquer outra coisa, dizer: “Meu ministro da Educação diz que precisa de mais dinheiro. Eu sou o ministro das finanças. Eu tenho que fornecer o dinheiro. Tenho que imprimir o dinheiro. ” Não importa se o propósito é bom ou ruim. O que isso acarreta é que agora existe no mercado uma demanda adicional de mercadorias e serviços que foi criada do nada.

Um aumento na quantidade de muitas coisas é muito bom - sim, um aumento no suprimento daquelas coisas que são úteis. Mas um aumento na oferta de, digamos, ratos e camundongos, não seria muito útil. Felizmente, isso não é um problema que os homens têm de decidir, porque os interesses de todas as pessoas concordam a esse respeito. Mas seus interesses divergem quanto ao dinheiro. O que desorienta o pensamento de muita gente, e infelizmente também o pensamento das pessoas que operam nossas atividades governamentais e políticas, é a ideia de que a quantidade de dinheiro conta. Certamente, é melhor para o indivíduo ter mais dinheiro do que menos. Mas não é melhor para todo o sistema econômico ter mais dinheiro do que menos. O dinheiro é um meio de troca. E isso significa, antes de tudo, que essa quantidade não tem importância para o aperfeiçoamento de suas funções. Se você aumenta a quantidade total de dinheiro, a quantidade total do meio de troca, você não melhora as condições em geral; você apenas muda as relações de troca entre as avaliações individuais de bens e serviços e da coisa usada como dinheiro. Quero deixar isso mais claro apontando para um caso muito simples tirado de pesquisas diárias.

O mais sincero defensor e pregador da inflação em nossa época, Lord Keynes, estava certo do ponto de vista dele quando ele atacou o que é chamado de “Lei de Say”. A Lei de Say é uma das grandes conquistas dos primeiros dias da teoria econômica. O francês, Jean-Baptiste Say<sup>9</sup>, na chamada Lei de Say, disse que você não pode melhorar as condições aumentando a quantidade de dinheiro em geral; quando os negócios não vão bem, não é porque não há dinheiro suficiente. O que Say tinha em mente, o

que ele disse quando criticou a doutrina de que deveria haver mais dinheiro, era que tudo o que alguém produz é ao mesmo tempo uma demanda para outras coisas. Se houver mais calçados produzidos, esses calçados são algo que se oferece no mercado em troca de outras mercadorias. Em última análise, os bens não são trocados por dinheiro - o dinheiro é apenas um meio de troca - os bens são trocados por outras mercadorias. E se você aumenta a quantidade de dinheiro, você não melhora a situação de ninguém, exceto o homem definido a quem você o deu; esse homem pode então comprar mais, pode retirar mais coisas do mercado.

Quando as pessoas perguntavam a um dono da mercearia: “Por que seu negócio não está melhor? Por que você não ganha mais dinheiro?” ele respondeu: “As pessoas não têm dinheiro suficiente e, portanto, meu negócio não é satisfatório”. O que ele quis dizer não foi isso todos as pessoas não tinham dinheiro suficiente, mas seus clientes não tinham dinheiro suficiente. Ele disse: “Infelizmente, meus clientes não têm dinheiro suficiente e, portanto, não podem comprar mais de mim”. Se o dono da mercearia quisesse ganhar mais, e se seus clientes, todos juntos, não fossem ricos o suficiente para lhe dar mais negócios, teria sido necessário que ele encontrasse mais clientes. Mas esse dono da mercearia não significava que mais dinheiro em geral fosse necessário. Ele não diz que está interessado no mundo inteiro, no dinheiro de todos. O que este dono da mercearia tem em mente é mais dinheiro para os seus clientes. Essa é a “filosofia do dono da mercearia”.

Agora, os governos acreditam, talvez sejam inocentes nisso, visto que essa crença é transmitida aos professores "ruins", que há algo que deve ser feito. Realmente, todos concordam que deveria haver mais dinheiro para este ou aquele propósito - seja para escolas, hospitais, pesquisa científica ou o que quer que não faça diferença. Digamos que o governo diga que os funcionários do governo têm salários muito baixos; eles deveriam receber salários mais altos. Como o próprio governo não produz nada, o único método bem-sucedido a ser seguido pelo governo é taxar as pessoas e usar a receita arrecadada pelos impostos para aumentar os salários de certos funcionários públicos.

E, portanto, prejudicando suas condições. Se o governo tributa, tira algo dos contribuintes, então eles são forçados a restringir seus gastos, mas não há razão para mudanças gerais de preços. Essas pessoas a quem o governo

dá salários mais altos estão em posição de comprar o que as outras pessoas costumavam comprar e não podem mais comprar porque tiveram que pagar os impostos. Mudanças resultariam do fato de que algumas coisas que o contribuinte Sr. A comprava agora não são mais compradas pelo Sr. A, mas pelo funcionário do governo Sr. B. Isso tenderia a aumentar alguns preços das coisas que o Sr. B compra e para reduzir os preços solicitados pelas coisas que o Sr. A não pode mais comprar. Mas nenhuma mudança revolucionária ocorre na altura geral dos preços. É o que acontece continuamente em um país cujo governo tem um orçamento equilibrado. Mas existe outra maneira, outro método. E o governo usa esse outro método.

O governo imprime o dinheiro adicional. Como você sabe, é muito fácil para o governo imprimir dinheiro. E se o governo imprimir esse dinheiro, qual é o efeito? O efeito é que aqueles a quem o governo dá este novo dinheiro, neste caso os funcionários públicos, estão agora em condições de comprar mais. Nada mudou no mundo; tudo está como ontem; não há mais produtos disponíveis; mas há mais dinheiro hoje porque o governo o fez e deu a certos funcionários do governo, digamos, trabalhadores do armamento. Pode ser para o melhor propósito possível. Não discutimos os itens do orçamento do governo, mas apenas o valor total. E agora o governo dá dinheiro para algumas pessoas, e essas pessoas aparecem nos mercados com uma demanda adicional, com uma demanda que não existia ontem. Lord Keynes ficou entusiasmado com esta demanda, você sabe; ele achou maravilhoso; sim, é verdade. Ele chamou essa demanda crescente de "demanda efetiva". Claro, esta é uma descrição muito correta. Mas o fato é que os preços estão subindo. Mas o que isso significa?

Tomemos as batatas como exemplo. Existem batatas *nomore* no mercado. Mas há mais dinheiro nas mãos das pessoas que querem comer batatas. Se ontem bastava um homem gastar um dólar para comprar batatas para sua necessidade, hoje ele precisa de mais. Ele precisa hoje, digamos, de dois dólares, apenas porque há mais dinheiro, não porque alguma coisa mudou. Se ele oferecesse apenas um dólar, o homem que recebesse o dinheiro adicional do governo diria: "Ho, ho! eu vou pagar US\$1,10, levar as batatas e você pode voltar para casa de mão vazias". É isso o que todos nós vivemos hoje - aumentos de preços devido à inflação.

O governo aumenta a quantidade de dinheiro. Todos os males que sofremos em nossas condições de mercado todos os dias se devem ao fato de que os governos acreditam que é permitido e natural produzir dinheiro para aumentar o poder de gastar do governo. Para gastar mais, os governos não têm que fazer praticamente nada a não ser dar uma ordem a uma gráfica: “Imprima uma quantidade de dinheiro e dê para nós”. Se os cidadãos fazem isso, o governo não gosta. Existem muitos escritórios de impressão no país; a maioria desses escritórios de impressão está em posição de imprimir notas de dólar. O que impede o cidadão de imprimir notas de dólar, notas de banco, é uma série de leis que tornam isso um crime, e o governo é poderoso o suficiente para evitá-lo, prendendo e aprisionando as pessoas, e assim por diante. Mas se o próprio governo imprimir dólares adicionais, isso é legal e aumenta a quantidade de dinheiro. E esse é o problema monetário. Além do fato de que isso acarreta uma situação muito ruim para as pessoas que não receberam o novo dinheiro adicional, porque não receberam mais dinheiro, agora enfrentam preços mais altos.

## 14. Dois Problemas Monetários

A função do governo é prevenir a violência. A função que o governo adotou, aceitou e manteve com relação ao dinheiro era dizer o que as partes queriam dizer e se as partes do acordo haviam feito o que eram obrigadas a fazer de acordo com o acordo que haviam feito aceito voluntariamente. Nestes acordos, o termo “dinheiro” era usado para especificar o meio de troca utilizado pelas partes quando se encontravam, quando firmavam o contrato. Mas quando o governo se deparou com essa situação, ele adotou o privilégio de cunhar o metal usado nesses acordos e usar as moedas, a princípio sem más intenções. No início, isso não significava nada mais do que a declaração do governo de que a moeda era uma peça de metal de peso definido e que poderia ser usada como tal pelas partes. Porém, repetidas vezes, em várias nações, os governos abusaram da posição que essa situação lhes conferia. A situação era simplesmente esta. Já em tempos muito antigos, na história de quase todos os grupos de nações e de todas as civilizações, desenvolveu-se entre governos que fizeram isso, que cunharam certas peças de metal, a ideia de que eles tinham o direito - é muito difícil para mim diga esta palavra - “fraude”. Se alguém fala sobre todas essas coisas, não se deve esquecer que o fizeram com a consciência pesada. Mas quando o governo se envolveu com dinheiro, isso levou a dois problemas. que cunhou certas peças de metal, a ideia de que eles tinham o direito de - é muito difícil para mim dizer essa palavra - “fraude”. Se alguém fala sobre todas essas coisas, não se deve esquecer que o fizeram com a consciência pesada. Mas quando o governo se envolveu com dinheiro, isso levou a dois problemas. que cunhou certas peças de metal, a ideia de que eles tinham o direito de - é muito difícil para mim dizer essa palavra - “fraude”. Se alguém fala sobre todas essas coisas, não se deve esquecer que o fizeram com a consciência pesada. Mas quando o governo se envolveu com dinheiro, isso levou a dois problemas.

O primeiro problema, aquele que não é reconhecido como problema monetário pelo governo, por porta-vozes e escritores oficiais, é o do aumento dos preços, a chamada “inflação”. Uma das características mais importantes da “Nova Economia”, outrora conhecido<sup>10</sup> simplesmente como "economia ruim", é a mudança no significado dos termos. Não muito tempo

atrás, “inflação” significava um aumento considerável na quantidade de dinheiro e de seus substitutos em circulação. O efeito de tal aumento sempre foi uma tendência geral de alta dos preços. Todos sabiam disso e admitiam, e com certeza o governo também sabia. Hoje a terminologia, a terminologia oficial, mudou. Temos que perceber que o termo “inflação” é usado hoje em discussões populares sobre o assunto de uma forma que é muito diferente do significado atribuído a ele no passado. As pessoas agora chamam o aumento dos preços de “inflação”, enquanto na verdade a inflação não é o aumento dos preços, mas o aumento da quantidade de dinheiro que provoca o aumento dos preços.

As pessoas hoje não falam sobre o aumento da quantidade de dinheiro; este é um assunto que os representantes de nossa doutrina oficial não desejam mencionar. Eles falam apenas do fato de que os preços estão subindo.

Isto é, o efeito, eles chamam de "inflação". Eles não mencionam o fato precedente, o causa do movimento ascendente, o aumento da quantidade de dinheiro. Eles implicam que o governo não tem nada a ver com isso, que o governo quer apenas manter os preços estáveis. Eles simplesmente presumem que o movimento de alta de preços e salários, que eles chamam de “inflação”, é causado pela maldade de pessoas fora do governo, por “pessoas más” que estão pedindo preços mais altos.

O segundo problema é o aumento real da própria quantidade de dinheiro. Vamos falar sobre um país fantasticamente pequeno, digamos Ruritânia. Seu governo quer arrecadar dinheiro para algumas de suas despesas. O governo diz, por exemplo, que certos trabalhadores deveriam receber salários mais altos. O valor total dos impostos do governo é de um milhão de unidades da unidade monetária. Sim. Mas o governo quer gastar dois milhões. O governo acrescenta ao milhão de unidades que taxou dos cidadãos um segundo milhão que imprimiu especialmente para esse fim. O resultado é que uma quantidade maior de dinheiro é trocada no mercado por uma quantidade não aumentada de bens reais, de bens de consumo e assim por diante. E isso significa que os preços devem necessariamente subir.

Para perceber o que isso significa, devemos primeiro fazer algumas perguntas: Quais são os efeitos necessários e inevitáveis de um aumento na quantidade de dinheiro? Qual é o efeito de o governo gastar mais do que arrecada em impostos ou pede emprestado ao povo aumentando a

quantidade de dinheiro? Qual é o efeito sobre os preços quando aqueles que recebem parte dessa quantidade aumentada de dinheiro a gastam?

Não devemos ser muito rígidos ao julgar os governos que aumentam a quantidade de dinheiro porque querem gastar mais do que arrecadam do povo. A situação no Parlamento, no Congresso ou no órgão parlamentar é que existe, por um lado, um imposto muito impopular, muito impopular, e do outro lado há uma despesa muito popular. Você sabe que os gastos do governo são sempre populares entre as pessoas que recebem o dinheiro que o governo gasta. Agora, isso é um fato, você sabe; você não pode mudar isso. Este é um gasto muito popular. E as eleições não estão longe. Agora, o que o governo faz em tal situação, um governo fraco? Não diga que se você estivesse no controle, teria um governo melhor; talvez você também fosse fraco se estivesse nessa situação. O governo recorre à inflação, e isso significa um aumento na quantidade de dinheiro. E este é o segundo problema monetário.

## 15. Financiamento da Dívida e Expansão de Crédito

Presumo que você saiba como o sistema bancário se desenvolveu e como os bancos poderiam melhorar os serviços prestados pelo ouro transferindo ativos de um indivíduo para outro nos livros dos bancos. Quando você estudar o desenvolvimento da história do dinheiro, descobrirá que havia países nos quais existiam sistemas nos quais todos os pagamentos eram feitos por transações nos livros de um banco, ou de vários bancos. Os indivíduos adquiriram uma conta pagando ouro neste banco. Há uma quantidade limitada de ouro, portanto os pagamentos efetuados são limitados. E era possível transferir ouro da conta de um homem para a conta de outro. Mas então os governos começaram algo que só posso descrever em palavras gerais. Os governos começaram a emitir papel que eles queriam para cumprir a função, executar o serviço, de dinheiro. Quando as pessoas compravam algo, esperavam receber de seu banco uma certa quantidade de ouro para pagar por isso. Mas o governo perguntou: Qual é a diferença entre as pessoas realmente obterem ouro ou se obterem um título do banco que lhes dá o direito de pedir ouro? Será tudo igual para eles. Assim, o governo emitiu notas de papel ou deu ao banco o privilégio de emitir notas de papel, o que deu ao recebedor o direito de pedir ouro. Isto conduziu a um aumento do número de notas de papel, o que deu ao portador o direito de pedir ouro. Qual é a diferença entre as pessoas realmente obterem ouro ou se obterem um título do banco que lhes dá o direito de pedir ouro? Será tudo igual para eles. Assim, o governo emitiu notas de papel ou deu ao banco o privilégio de emitir notas de papel, o que deu ao recebedor o direito de pedir ouro. Isto conduziu a um aumento do número de notas de papel, o que deu ao portador o direito de pedir ouro. Qual é a diferença entre as pessoas realmente obterem ouro ou se obterem um título do banco que lhes dá o direito de pedir ouro? Será tudo igual para eles. Assim, o governo emitiu notas de papel ou deu ao banco o privilégio de emitir notas de papel, o que deu ao recebedor o direito de pedir ouro. Isto conduziu a um aumento do número de notas de papel, o que deu ao portador o direito de pedir ouro.

Não faz muito tempo, nosso governo proclamou um novo método para tornar todos prósperos: um método denominado “financiamento

deficitário”. Essa é uma palavra maravilhosa. Você sabe, os termos técnicos têm o péssimo hábito de não serem compreendidos pelas pessoas. O governo e os jornalistas que escreviam para o governo nos falaram sobre esse “déficit de gastos”. isto foi maravilhoso! Foi considerado algo que melhoraria as condições em todo o país. Mas se você traduzir isso para uma linguagem mais comum, a linguagem dos incultos, você dirá "dinheiro impresso". O governo diz que isso se deve apenas à sua falta de educação; se você tivesse educação, não diria "dinheiro impresso"; você o chamaria de “financiamento deficitário” ou “gasto deficitário”. Agora, o que isso significa? Déficits! Isso significa que o governo gasta mais do que arrecada em impostos e empréstimos do povo; significa gastos do governo para todos os fins que o governo deseja gastar. Isso significa inflação, empurrando mais dinheiro para o mercado; não importa para qual propósito. E isso significa reduzir o poder de compra de cada unidade monetária. Em vez de coletar o dinheiro que o governo queria gastar, o governo fabricou o dinheiro. Imprimir dinheiro é a coisa mais fácil. Todo governo é inteligente o suficiente para fazer isso.

Se o governo quiser pagar mais dinheiro do que antes, se quiser comprar mais commodities para alguma finalidade ou aumentar os salários dos funcionários do governo, nenhuma outra maneira está aberta para ele em condições normais do que coletar mais impostos e usar essa renda aumentou para pagar, por exemplo, os salários mais altos de seus funcionários. O fato de que as pessoas têm que pagar impostos mais altos para que o governo possa pagar salários mais altos aos seus empregados significa que os contribuintes individuais são forçados a restringir seus gastos. Essa restrição de compras por parte dos contribuintes contraria a expansão das compras de quem recebe o dinheiro arrecadado pelo governo. Assim, esta simples contração dos gastos de alguns, os contribuintes de quem o dinheiro é retirado para dar a outros, não acarreta uma alteração geral dos preços.

O que acontece é que o indivíduo não pode fazer nada que faça funcionar a máquina e o mecanismo inflacionário. Isso é feito pelo governo. O governo faz a inflação. E se o governo reclama do fato de que os preços estão subindo e nomeia comitês de homens eruditos para lutar contra a inflação, só temos a dizer: “Ninguém além de você, o governo causa a inflação, você sabe.”

Por outro lado, se o governo não aumenta os impostos, não aumenta sua receita normal, mas imprime uma quantidade adicional de dinheiro e a distribui aos funcionários públicos, compradores adicionais aparecem no mercado. Como resultado, o número de compradores aumenta, enquanto a quantidade de bens oferecidos à venda permanece a mesma. Os preços necessariamente sobem, porque há mais pessoas com mais dinheiro pedindo mercadorias que não aumentaram na oferta. O governo não fala do aumento na quantidade de dinheiro como "inflação"; chama o fato de que os preços das commodities estão subindo de "inflação". O governo então pergunta quem é responsável por esta "inflação", isto é, pelos preços mais altos? A resposta - pessoas "más"; eles podem não saber por que os preços estão subindo, mas mesmo assim estão pecando ao pedir preços mais altos.

A melhor prova de que a inflação, o aumento da quantidade de dinheiro, é muito ruim, é o fato de que aqueles que estão inflando estão negando repetidamente, com o maior fervor, que são responsáveis. "Inflação?" eles perguntaram. "Oh! Isso é o que vocês estão fazendo porque estão pedindo preços mais altos. Não sabemos por que os preços estão subindo. Existem pessoas más que estão fazendo os preços subirem. Mas não o governo!" E o governo diz: "Preços mais altos? Olhe, essas pessoas, esta corporação, este homem mau, o presidente desta corporação,..." "Mesmo que o governo culpe os sindicatos - não quero falar sobre os sindicatos - mas mesmo assim temos que perceber o que os sindicatos não podem fazer é aumentar a quantidade de dinheiro. E, portanto, todas as atividades dos sindicatos estão dentro da estrutura que é construída pelo governo ao influenciar a quantidade de dinheiro.

A situação, a situação política, a discussão do problema da inflação seriam muito diferentes se as pessoas que estão fazendo a inflação, o governo, dissessem abertamente: "Sim, nós fazemos. Estamos fazendo a inflação. Infelizmente, temos que gastar mais do que as pessoas estão preparadas para pagar em impostos." Mas eles não dizem isso. Eles nem mesmo dizem abertamente a todos: "Aumentamos a quantidade de dinheiro. Estamos aumentando a quantidade de dinheiro porque estamos gastando mais, mais do que você nos paga." E isso nos leva a um problema puramente político.

Eles vão para cujos bolsos o dinheiro adicional vai primeiro lucrar com a situação, enquanto outros são compelidos a restringir seus gastos. O governo

não reconhece isso; não diz: “Aumentamos a quantidade de dinheiro e, portanto, os preços estão subindo”. O governo começa dizendo: “Os preços estão subindo. Por quê? Porque as pessoas são más. É dever do governo evitar que pessoas más causem esse movimento de alta dos preços, essa inflação. Quem pode fazer isso? O governo! ” Então, o governo diz: “Vamos evitar o lucro e todas essas coisas. Estes pessoas, os lucrativos são aqueles que estão gerando inflação; eles estão pedindo preços mais altos. ” E o governo elabora “pautas” para quem não deseja estar errado com o governo. Em seguida, acrescenta que isso é devido a "pressão inflacionária com certeza".” Eles também inventaram muitos outros termos que não consigo me lembrar, termos tão tolos, para descrever essa situação - “inflação de custo”, “pressões inflacionárias” e assim por diante. Ninguém sabe o que é uma “pressão inflacionária”; nunca foi definido<sup>11</sup>. O que é claro é o que é inflação.

A inflação é um acréscimo considerável à quantidade de dinheiro em circulação. Esse movimento ascendente dos preços devido à inflação, devido ao fato de que o sistema foi inflado por quantidades adicionais de dinheiro, faz os preços subirem. E esse sistema pode funcionar por algum tempo, mas apenas se houver algum poder que restrinja o desejo do governo de expandir a quantidade de dinheiro e seja poderoso o suficiente para ter sucesso até certo ponto nesse aspecto. Os males que o governo, seus ajudantes, seus comitês etc. reconhecem estão ligados a essa inflação, mas não da maneira como são discutidos. Isso mostra que a intenção dos governos e de seus propagadores (propagandistas, promotores) é ocultar a verdadeira causa do que está acontecendo. Se quisermos ter um dinheiro que seja aceitável no mercado como meio de troca, deve ser algo que não possa ser aumentado com o lucro de ninguém, seja o governo ou um cidadão. As piores falhas do dinheiro, as piores coisas feitas ao dinheiro não foram feitas por criminosos, mas por governos, que muitas vezes deveriam ser considerados, em geral, como ignorantes, mas não como criminosos.

## 16. Expansão do Crédito e o Ciclo Econômico

Agora, o que é expansão de crédito? A expansão do crédito também está inflando. A razão para fazer uma distinção entre expansão de crédito e inflação simples é por causa dos diferentes efeitos que uma quantidade adicional de dinheiro tem ao entrar no sistema econômico pelas duas rotas diferentes. Na inflação simples, o novo dinheiro entra pelos gastos do governo. O governo gasta somas adicionais criadas, por exemplo, para fins de guerra. O efeito desses gastos é que os preços das coisas que o governo compra aumentam e os consumidores começam a acumular. Com a expansão do crédito, as quantidades adicionais de dinheiro entram no sistema econômico, não por meio de gastos do governo, mas por meio de empréstimos de crédito recém-criado aos empresários pelos bancos. Portanto, os preços das coisas que as empresas compram sobem. Isso traz um "boom" nos negócios, é o ciclo econômico, o fenômeno mais interessante do sistema capitalista.

O ciclo comercial se deve ao fato de que os bancos expandem o crédito e essa expansão do crédito acarreta uma expansão dos negócios. Mas como as quantidades de bens de produção, bens de capital, não aumentam, há uma superexpansão de alguns negócios, mas não um superinvestimento geral, como é chamado por alguns corretores financeiros, em toda a economia. A característica significativa do boom é essa superexpansão pela redução artificial da taxa de juros para criar a expansão do crédito. Isso induz os empresários a pensar que há uma quantidade maior de bens de capital disponíveis do que realmente existe, e que certos projetos agora são possíveis, o que teria sido impossível com uma taxa maior de juros. Na verdade, a única coisa que está recentemente disponível é um montante maior de crédito criado precisamente para esse propósito. Esse sistema, esse "boom", continua até que finalmente quebra, quando se torna aparente que o chamado "superinvestimento" é na verdade mau investimento ou expansão excessiva em algumas áreas da economia.

No entanto, temos agora uma situação em que cada um dos principais países do mundo quer se expandir, ter uma taxa de juros menor. As pessoas sempre foram hostis ao interesse como tal, considerando-o "usura". Há muito prevalece a ideia de que a taxa de juros é algo que pode ser

manipulado *ad libitum* pelo governo e pelos bancos. A razão para essa atitude é um mal-entendido de todo o sistema econômico moderno. O que causa grandes problemas é o desejo de todos os países, ou digamos dos inflacionistas de todos os países, de ter uma taxa de juros mais baixa. O que me preocupa neste momento são os efeitos que essa tendência de cada país tem sobre os preços de mercado, a poupança e o investimento.

Se os países tiverem uma moeda internacional, ou se tiverem moedas nacionais isentas de ouro, as pessoas serão a favor de aumentar a quantidade de dinheiro. Poucas pessoas são a favor da redução da quantidade de dinheiro e da queda dos preços. Se um governo quer se tornar popular, ele tentará aumentar os preços para o benefício dos consumidores, para o benefício dos produtores e, especialmente, para o benefício dos sindicatos. Haverá, portanto, uma tendência ao aumento da quantidade de dinheiro. Um aumento na quantidade de dinheiro acarreta preços mais altos. E se há uma tendência para preços mais altos, há também necessariamente uma tendência para as taxas de juros subirem. Recentemente, um colunista escreveu em um semanário importante que domesticamos o ciclo de negócios. Talvez você tenha lido a coluna dele - eu li apenas uma hora antes de sair para esta reunião. Mas, realmente, não há nada a domar a menos que sejam os inflacionistas, aqueles que querem manter as taxas de juros baixas e expandir o crédito artificialmente, aqueles que não pensam que as condições, determinadas pela poupança das pessoas, são satisfatórias.

As taxas de juros devem subir quando há uma tendência geral para os preços subirem porque, se você compra mercadorias em vez de emprestar dinheiro e mantém as mercadorias, você obtém um lucro extra em tal situação com o aumento dos preços das mercadorias que você ter comprado. Portanto, as pessoas preferem não emprestar dinheiro a ninguém se não houver uma desvalorização na taxa de juros que estão recebendo pelo lucro que poderiam obter comprando elas próprias mercadorias ou ações e mantendo-as por um tempo até que seus preços caíssem acima. Portanto, o estado defasares em que os preços estão subindo é necessariamente um estado defasares em que a taxa de os juros também aumentarão, porque sob tais condições a taxa de juros deve conter um elemento que chamei de “prêmio de preço”, que é uma indenização pelo lucro que o prestador de dinheiro poderia ganhar comprando mercadorias em vez de dar um empréstimo. Agora, quando as taxas de juros estiverem subindo, as pessoas dirão que o que é necessário para combater as

altas taxas de juros é aumentar a quantidade de dinheiro. Mas a situação é exatamente oposta. O único método para ter taxas de juros mais baixas é não ter inflação, para tirar do poder do governo o problema de aumentar ou diminuir a quantidade de dinheiro. O governo sempre será a favor da inflação, porque os governos sempre querem gastar mais. Portanto, haverá desacordo geral sobre as políticas.

O início da inflação é sempre caracterizado pelo fato de que aqueles que são favorecidos pela inflação são os primeiros a declarar que as condições são muito boas e que querem que o governo continue.

O governo quer poder dizer aos eleitores, ao povo: “Você nunca teve um momento tão maravilhoso como está desfrutando agora”. E um período tão maravilhoso pode facilmente ser causado por um curto período de tempo pela inflação, você sabe. Só mais tarde as pessoas descobrem quais são os resultados. E só mais tarde descobrem que isso significa, ao mesmo tempo, a destruição das poupanças de todas aquelas pessoas que não são donas de algum imóvel ou empreendimento.

## **17. Doutrina da Balança de Pagamentos, Paridade do Poder de Compra e Comércio Internacional**

Se um governo não sabe o que fazer, ele quer “subornar” as pessoas pagando algo para elas, pagando sem ter arrecadado pela tributação os meios necessários para esse pagamento. E é isso que os governos estão fazendo. Isso é a inflação. Em toda parte hoje você ouve os governos falarem sobre a inflação. Eles descrevem a inflação como preços mais altos, como algo que acontece - não se sabe por quê. Ou, de acordo com outra versão, dizem que é devido às atividades de algumas pessoas, às más ações das pessoas. As pessoas são responsáveis. Tomemos o caso mais popular, o problema do câmbio. Temos hoje uma situação em que os diversos governos em suas medidas inflacionárias não atuam em conjunto. Ou seja, um governo vai mais longe em suas medidas inflacionárias do que outros. E conseqüentemente ocorrem mudanças contínuas na taxa de câmbio de diversos países.

E portanto, o que o governo que embarca na inflação não quer admitir que o papel-moeda que ele emite é de alguma forma menos valioso do que o dinheiro que deseja ele substituir. Temos, de fato, agora em todo o mundo, inflação. Também temos inflação neste país e enormes déficits no orçamento que são cobertos pela emissão de novo papel-moeda adicional. E o governo afirma que isso não tem nada a ver com problemas monetários.

O que temos que perceber é que no mercado, em todos os mercados sem exceção, seja o mercado interno, seja o mercado mundial, prevalece o princípio da paridade do poder de compra. Esse é um princípio fundamental do mercado. Isso significa que prevalece uma tendência em direção à equalização das relações de troca entre as várias mercadorias e o dinheiro - entre as próprias mercadorias, entre as mercadorias e o dinheiro, e entre os vários tipos de dinheiro que circulam no mundo. Esta é a interpretação correta do que está acontecendo em relação às várias mercadorias.

Se houver um desvio dessa paridade de poder de compra, haverá um caminho aberto para os empresários obterem lucros. E o objetivo de todas as transações no mercado é fazer com que essas ocasiões para obter lucros desapareçam, comprando em uma moeda e vendendo em outra. É

impossível permanecer um estado de ânimo em que tais diferenças entre os poderes de compra das várias moedas possam prevalecer. Na medida em que os governos tentam tornar tais trocas impossíveis, há um fim de negócios, um fim de compra e venda, mas não uma equalização dos preços expressos nas várias moedas do mundo. Portanto, é impossível para um país ou governo evitar a desvalorização de sua moeda, se esta moeda estiver sendo aumentada, sem preservar sua paridade com o dinheiro original com o qual o governo finge que a paridade ainda existe. Tudo isso significa, finalmente, que apenas o padrão-ouro, o padrão-ouro completo e puro, está livre da interferência do governo nos preços e no valor de todos os itens expressos em termos de dinheiro.

Quando nossos problemas monetários são discutidos, você nunca ouve os representantes do governo ou os economistas oficiais de todas essas comissões que são estabelecidas para esse fim se referindo ao fato de que há déficit de gastos, que há um aumento na quantidade de dinheiro. E se houver alguns problemas para resolver, a menor valorização, o menor poder de compra, do dinheiro emitido pelo governo em comparação com o dinheiro que se pensava representar, o dinheiro ouro, depois os governos e também primeiro De todo o governo americano e seus conselheiros, refira-se a uma doutrina que foi desacreditada há muito, muito tempo - a doutrina do balanço de pagamentos. Não quero contar a história dessa doutrina, nem demonstrar como ela foi desacreditada. Prefiro analisar, do ponto de vista da doutrina da balança comercial, o remédio que o governo sugeriu para curar os males monetários.

Aos olhos do governo, o mal é a menor valorização do dinheiro emitido pelo governo em relação ao dinheiro que se pensava representar. E isso, dizem eles, se deve ao fato de que existem alguns “maus cidadãos” no país que estão gastando “nosso dinheiro” - quero colocar “nosso dinheiro” entre aspas. Pessoas que estão usando "nosso dinheiro" estão desperdiçando "nosso dinheiro" para comprar mercadorias absolutamente ruins laços no exterior - na França champanhe e outros vinhos franceses, por exemplo. E o remédio recomendado é tornar impossível, por meio de atos legislativos, que essas pessoas usem “nosso dinheiro” - novamente entre aspas - para a compra de coisas inúteis como vinhos franceses. Eles dizem que a razão pela qual os preços expressos em dólares e os preços expressos em outras moedas estão subindo é devido a vocês, o povo. As pessoas são responsáveis, segundo os governos, porque estão bebendo champanhe

importado e porque estão viajando para o exterior. Por que falam de champanhe e de viagens ao exterior? Porque, segundo os governos, essas são coisas de luxo. Portanto, o que o governo faz é simplesmente: “Veja essas pessoas más que estão bebendo champanhe. Eles são os responsáveis pela inflação, pelos preços mais altos; eles são responsáveis por todos os males sob o sol. ” A maneira como o governo americano lida com o problema é apenas uma das formas como o governo justifica sua ação. Essa é "a desculpa do luxo".

Mas há uma segunda desculpa, “as necessidades da vida”, que os países dão quando as importações consistem predominantemente de bens que são considerados, pela opinião pública, como necessários e indispensáveis. Em tais países - por exemplo, em todos aqueles países europeus que são predominantemente industriais, exportando produtos industriais, manufaturados, a fim de importar alimentos e matérias-primas. Dizem: “O que é responsável pela nossa evolução desfavorável das taxas de câmbio é o facto de sermos pobres na medida em que não podemos produzir no nosso próprio território todos os alimentos e matérias-primas necessários e temos de os importar. Essas outras nações, as nações 'têm', estão nos explorando. ” Essa é a versão que, por exemplo, foi utilizada por Mussolini para justificar sua agressão: “Por que devemos ir à guerra contra outros países? Porque somos obrigados a importar coisas que são absolutamente necessárias para o sustento da vida e saúde, e assim por diante, de nossa população.”

O que o governo não diz - quando ela culpa o balanço de pagamentos pelo efeito da inflação na paridade do poder de compra - é que se as pessoas fossem impedidas de gastar dólares para importar champanhe, comprariam outra coisa. Eles não colocariam os dólares em um pacote e mandariam esse pacote para o governo para que ele tivesse mais dinheiro para pagar os déficits de seus empreendimentos, os correios, por exemplo. Se, em vez de comprar champanhe importado, estiverem comprando outras coisas no mercado interno, os preços dessas coisas subiriam por conta de que agora há uma demanda maior por elas. Isso trará preços mais altos para algumas coisas que antes eram exportadas. E aqueles as coisas ficariam mais caras, menos disponíveis e não seriam mais exportadas. Se os governos fossem consistentes, ou poderiam ser consistentes a esse respeito, tornariam todas as importações impossíveis e impediriam todos os negócios com países estrangeiros; eles necessariamente restringiriam as exportações na mesma medida em que restringem as importações e isso traria uma restrição, o fim

completo do comércio internacional. E cada país permaneceria isolado economicamente.

Agora, por que essa situação ruim de balanço de pagamentos se desenvolve apenas entre as unidades nacionais e não dentro da unidade nacional? Na Europa, existem vários governos, ou várias nações, cuja população é menor ou não muito maior do que a população de muitos estados americanos. Por que você não ouve as mesmas reclamações sobre os vários estados americanos que você ouve sobre o comportamento de algumas pessoas que estão comprando champanhe e, portanto, enriquecendo a França e empobrecendo os Estados Unidos? Porque os vários estados americanos da união não têm uma política monetária independente; não pode haver inflação em Iowa que não seja ao mesmo tempo e na mesma medida também uma inflação no 49 outros estados da união. E você não precisa ir para os Estados Unidos. Quando as pessoas dizem que o que é ruim no relacionamento entre os Estados Unidos e a França é que a França produz e vende para os Estados Unidos apenas bens muito frívolos, muito ruins, imorais, livros, romances, apresentações teatrais, produções de ópera e concertos em Paris, e Champanhe que é o pior de todas as coisas, você poderia dizer a mesma coisa também sobre, digamos, Brooklyn e Manhattan. Manhattan vende apresentações teatrais, conferências, concertos e assim por diante, em maior número para as pessoas do Brooklyn, enquanto essas pessoas do Brooklyn estão gastando dinheiro em Manhattan. Normalmente, um homem no Brooklyn pode dizer: “Por que meu vizinho gasta seu dinheiro para assistir a uma apresentação de ópera em Manchester? Por que ele não gasta seu dinheiro no Brooklyn?” E se você for, passo a passo, mais longe na mesma direção, chegará à autarquia perfeita, autossuficiência, isolamento, isolamento econômico de cada família individual e talvez até dentro da família. Por que não deveria um menino, ao contrário de seu irmão ou irmã ou seus pais, dizer conseqüentemente e consistentemente “Eu quero ser autárquico” pelas mesmas razões que um dos países do mundo quer ser autárquico e impedir a importação de coisas de outros países?

Agora, vamos analisar qual será o efeito de tal medida - evitar que os americanos importem vinho francês, champanhe ou outros meios. Certamente causará um comprometimento dos negócios da Produtores franceses de vinho. E os preços que terão de cobrar terão de baixar para que possam vender toda a sua produção, toda a sua produção, em qualquer outro

lugar, seja na França ou em outros países. Terão de vender a preços inferiores aos que receberiam se os americanos tivessem comprado este produto francês. Isso significa que agora haverá na França pessoas que não estão mais em condições de manter o padrão de vida que mantinham antes. Eles terão que restringir seu consumo. Eles terão, por exemplo, de restringir as compras de commodities importadas, digamos, de carros americanos. E assim eles vão se ajustar à nova situação. Isso significa que quando você proíbe a importação de alguns bens de países estrangeiros, você necessariamente faz, não só diminuir as importações americanas, mas também as exportações americanas que teriam sido vendidas em pagamento por essas importações de bens de luxo franceses. E isso não se refere apenas à França. A conexão é um pouco mais complicada; outros países estão incluídos; os franceses não restringem apenas o consumo de mercadorias americanas, mas também restringem a importação de mercadorias de outros países. E então esses outros países estão na cadeia de causalidade que, finalmente, ocasiona necessariamente uma queda nas exportações americanas também.

Se todos os países do mundo, mantendo consistentemente esta teoria do balanço de pagamentos, procedessem da mesma forma a fim de tornar suas moedas domésticas independentes da valorização internacional, ou seja, sua paridade de poder de compra, este sistema finalmente traria um fim de qualquer tipo de comércio internacional. Todas as importações seriam evitadas. E o resultado da suspensão de todas as importações significará, é claro, também o fim do comércio de exportação. Todo país será autossuficiente, autárquico, como diz o termo grego. Bem, houve um tal período na história. Não faz muito tempo, havia muitos países no mundo que não tinham relações comerciais com outros países, especialmente com países distantes. E houve uma vez, muito, muito tempo atrás, um período da história em que não havia comércio exterior.

O comércio exterior não é unilateral. É sempre necessariamente uma troca mútua de mercadorias e serviços entre vários países. Isso nada tem a ver com a avaliação do poder de compra da unidade monetária. Não é a importação de vinhos franceses que faz subir o preço das commodities domésticas. O preço dessas commodities domésticas sobe pelo fato de o governo ter aumentado a quantidade de dinheiro e, portanto, expresso de forma bastante questionável, “O aumento da quantidade de notas de papel americanas está agora perseguindo uma quantidade não aumentada de bens

disponíveis para consumo ”. Se todas as importações e exportações fossem interrompidas, os vários países voltariam à autarquia; eles teriam que renunciar a todas as vantagens que resultam do intercâmbio em outros países.

Agora, a única coisa que podemos aprender com toda a situação é isso. O mercado, as pessoas que compram e vendem no mercado fora do governo, desenvolveram ao longo dos séculos um sistema de dinheiro baseado nos metais preciosos, prata e ouro. Os governos interferiram repetidamente. A interferência do governo excluiu a prata do sistema monetário que o mercado havia desenvolvido, deixando apenas o ouro como dinheiro. No entanto, os governos - os governos individuais, os vários governos e agora a cooperação dos vários governos do Fundo Monetário Internacional - ainda não conseguiram levar a cabo a demolição deste sistema. O que quer que se diga sobre isso, é preciso perceber que o dinheiro é uma criação do mercado, uma criação das pessoas que compram, vendem e produzem.

## 18. Liquidez Interbancária: Reservas Bancárias

Agora, temos outro problema que geralmente é considerado uma questão monetária comum. Vários comitês governamentais de professores e representantes de vários bancos centrais estão estudando um problema às vezes referido como o de liquidez interbancária, ou como o problema das reservas bancárias. Qual é exatamente esse problema? Acho que a maneira mais fácil de entender esse problema é referir-se às condições como existiam nos mercados monetários mundiais desde a segunda metade do século XIX até a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Naquela época, as nações economicamente líderes do mundo estavam todas no padrão ouro ou de câmbio ouro e estavam interessadas em preservar a paridade ouro de sua moeda nacional.

Os governos ficaram interessados em entrar e destruir o mercado porque os governos queriam gastar dinheiro, mais dinheiro do que os cidadãos estavam dispostos a pagar. Não estou falando sobre os Estados Unidos, mas sobre quase todos os outros países do mundo. Sempre foi um problema para o governo dizer aos cidadãos, principalmente se eles já pagavam altos impostos: “Queremos mais dinheiro”. E com que propósito? “Para pagar os déficits de nossos empreendimentos. Não se esqueça do problema das empresas governamentais.” Na segunda parte do século X, houve um grande homem, um dos estadistas mais importantes e mais influentes do mundo - o príncipe alemão Bismarck, que apoiava a nacionalização. E Bismarck nacionalizou as ferrovias prussianas. Por quê? Porque isso foi considerado uma coisa simples. O que essas ferrovias os homens fazem? Os trens estão funcionando e o dinheiro estava entrando. O governo havia dito: “Que coisa maravilhosa são as ferrovias. Eles estão ganhando muito dinheiro. É tão fácil, claro. Basta colocar os trens em funcionamento e todos vão querer ir a algum lugar. Ou eles vão querer despachar algumas mercadorias nesta ferrovia. Portanto, as ferrovias são uma coisa maravilhosa. Vamos nacionalizar as ferrovias e nós, o governo, teremos seus lucros.” Então, eles nacionalizaram as ferrovias. Bismarck não era só um para fazer isso; ele era apenas o homem mais importante para isso. Todos os outros países, ou a maioria dos outros países, tentaram fazer a mesma coisa. Eles nacionalizaram o telégrafo, o telefone e assim por diante.

Então apareceu algo muito interessante. Depois que as ferrovias, que vinham dando lucro, foram nacionalizadas, elas começaram a ter déficits. E os déficits tiveram que ser pagos. Os cidadãos disseram: “Vocês estão nacionalizando cada vez mais. Você está sobrecarregando cada vez mais. E qual é o resultado? Mais déficits!”

A esse respeito, digamos apenas entre parênteses que os Estados Unidos não nacionalizaram as ferrovias. Mas os Estados Unidos pagam ajuda externa, subsídios, a muitos países que nacionalizaram suas ferrovias. O governo dos Estados Unidos arrecada impostos das ferrovias americanas que, afinal, ainda apresentam alguns excedentes e não déficits, como muitas ferrovias estrangeiras<sup>12</sup>. E esses excedentes são usados por países estrangeiros para pagar os déficits de suas ferrovias nacionalizadas. Alguns podem dizer que teria sido melhor nacionalizar também as ferrovias americanas e ter déficits do que pagar os déficits das empresas estrangeiras nacionalizadas. Nós temos neste país 1 monumento a esse sistema deficitário - o American Post Office: quase um bilhão de dólares, ou talvez mais - ninguém sabe. Mas o fato de o Post Office do governo dos EUA fazer déficits serve como um aviso ao governo dos EUA contra a nacionalização de outras indústrias.

Na segunda metade do século XIX, se um determinado país mantivesse a taxa de juros mais baixa do que deveria para aumentar a quantidade de dinheiro e gastar mais, a tendência era que o capital de curto prazo se movesse, dentro de um período muito curto período de tempo, para um país estrangeiro. Por exemplo, se a Alemanha, tantas vezes o malfeitor que precedeu a Primeira Guerra Mundial, manteve uma taxa de juros muito baixa, o capital de curto prazo saiu da Alemanha para outros países onde a taxa de juros não era tão baixa. Isso significava que as pessoas estavam tentando retirar ouro da Alemanha para transferi-lo para a Inglaterra, França ou Estados Unidos. O Reichsbank, vendo suas reservas de ouro diminuindo e temendo que não fosse capaz de cumprir suas obrigações devido à escassez de ouro, foi forçado a subir novamente com os juros taxa a fim de impedir a retirada de ouro, ou seja, suas "reservas de ouro".

Nem todos os países inflam, ou se o fazem, não inflam na mesma medida. A Suíça é considerada um país “ruim” porque não inflou o suficiente. Portanto, há problemas contínuos com o fluxo de dinheiro de países que têm mais inflação para outros que não inflaram na mesma

proporção. Se os vários governos e bancos centrais não agem todos da mesma maneira, se alguns bancos ou governos vão um pouco mais longe do que outros, desenvolve-se a situação que acabei de descrever; quem se expande mais é forçado a voltar à taxa de juros de mercado para preservar sua solvência por meio da liquidez; querem evitar que os fundos sejam retirados de seu país; eles não querem ver suas reservas em ouro ou dinheiro estrangeiro diminuindo. E chama-se isso de "problema internacional".

No século XIX, falava-se da "guerra dos bancos". Esse termo não era bom. Teria sido mais correto referir-se às tentativas inúteis dos bancos centrais, de tempos em tempos, de manter uma taxa de juros mais baixa em seu próprio país do que as condições reais permitidas. No entanto, essa expressão, "a guerra dos bancos", era mais popular durante a primeira década do presente século [século XX], quando a Conferência de Paz em Haia estava em voga. Um dia, o Ministro das Finanças italiano chegou a sugerir uma "conferência de paz" dos bancos centrais para acabar com "a guerra dos bancos". No entanto, não houve uma "guerra dos bancos" nem uma "conferência de paz" dos bancos.

Todos os países no passado tinham apenas dinheiro metálico, nenhum papel-moeda, e usavam o dinheiro metálico de acordo com o peso - você sabe que o peso metálico do dinheiro ainda permanece nos nomes de algumas unidades monetárias, por exemplo, a "libra esterlina". O dinheiro era então avaliado de acordo com seu conteúdo de metal, e os governos não estavam em posição de aumentar a quantidade de dinheiro. Mas o problema do dinheiro associado a uma moeda puramente metálica não é o problema de nossa época. O problema que temos que enfrentar hoje, o que temos que enfrentar hoje, é que os governos fingem que têm o direito de aumentar a quantidade de dinheiro se quiserem gastar mais. E os governos que fazem isso, na medida em que o fazem, ficam muito zangados se alguém diz que adotou uma política inflacionária. Eles dizem que as condições inflacionárias são o que os empresários causam ao pedir preços mais altos. Mas a questão não é que os empresários pedem preços mais altos, sabe; a questão é por que eles não cobraram preços mais altos ontem, antes de o governo aumentar a quantidade de dinheiro? Se eles tivessem pedido preços mais altos ontem, as pessoas não teriam pago os preços mais altos porque não tinham dinheiro, e os empresários seriam obrigados a baixar os preços se quisessem vender suas mercadorias. Todas essas coisas têm apenas uma

causa. E todas essas coisas podem ser curadas de apenas uma maneira: não inflando, não fornecendo quantidades adicionais de dinheiro, do meio de troca.

Há um provérbio que diz: “Não se fala em força na casa de uma família, cujo membro foi enforcado.” Desta forma, não se fala do problema internacional em termos de inflação. Quando se fala sobre um problema monetário internacional, diz-se que não há "liquidez" suficiente, nem "reservas" suficientes.

O sistema monetário internacional do século XIX, que terminou com a catástrofe da Primeira Guerra Mundial, foi, em geral, praticamente restabelecido após o término da guerra e novamente após a Segunda Guerra Mundial. Os bancos centrais hoje ainda querem preservar a estabilidade das taxas de câmbio. Portanto, suas tentativas de baixar as taxas de juros criarão uma situação que os leva a temer uma fuga externa, com retirada de recursos para repassá-los ao exterior. Nesses momentos, o Banco, as chamadas autoridades monetárias, se depara com uma alternativa: ou desvalorizar, o que não quer fazer, ou subir novamente com a taxa de juros. Mas os bancos centrais não gostam de nenhuma alternativa. Eles reclamam, dizendo que há “liquidez” insuficiente nos ares monetários internacionais.

Para curar esse mal, para fazer mais “liquidez”, muitos especialistas sugeriram a criação de uma nova moeda de reserva. Se as pessoas na Bélgica, digamos, quiserem retirar fundos desse país para transferir para Paris, elas precisam de moeda estrangeira - francos franceses ou a moeda de outros países pertencentes a este grupo de vários países, não alguma moeda de reserva. Uma moeda de reserva, é claro, pode ser uma boa saída. Significaria imprimir mais dinheiro e forçar as pessoas a aceitá-lo. E o Fundo Monetário Internacional fez isso, você sabe<sup>13</sup>. É irrelevante que aqueles que participam das reuniões do Fundo Monetário Internacional, que atuam nos comitês, participam de discussões e escrevem livros, anunciam quase todas as semanas algum novo projeto ou inventam algum método novo na esperança de aumentar a liquidez ou aumentar as reservas . É característico que muitos novos nomes tenham sido inventados para essa nova moeda de reserva. Você lê nos jornais essas histórias maravilhosas sobre “ouro de papel”. Ninguém sabe o que é ouro de papel, você sabe. Existem cigarros de papel, mas propor ouro é algo que o governo promete<sup>14</sup>. É necessário abandonar todas as ideias de uma moeda artificial e

todas aquelas ideias idiotas sobre papel ouro, papel dourado. No entanto, o nome não é muito importante. O fato é que é inútil e desesperador para um país tentar manter uma taxa de juros mais baixa do que permite a situação internacional.

No século XIX, o slogan daqueles excelentes economistas britânicos que eram titãs na crítica aos entusiastas do socialismo era: “Há apenas um método de aliviar as condições das futuras gerações das massas, e este é acelerar a formação de capital em oposição ao aumento da população”. Desde então, ocorreu um tremendo aumento da população, para o qual foi inventado o tolo termo “explosão populacional”. No entanto, não estamos tendo uma “explosão de capital”, apenas uma “explosão” de desejos e uma “explosão” de tentativas fúteis de substituir outra coisa - dinheiro ou dinheiro de crédito - por dinheiro.

## 19. O Mundo Precisa de um Banco Mundial e de Mais Dinheiro?

Como meio de troca, a situação do dinheiro é diferente da de outras mercadorias. Se há um aumento na quantidade de outras mercadorias, isso sempre significa uma melhoria das condições para as pessoas. Por exemplo, se houver mais trigo disponível, algumas pessoas para as quais não havia trigo disponível podem agora obter algum, ou podem obter mais do que teriam recebido nas condições anteriores. Mas com dinheiro a situação é muito diferente.

Para apontar isso, basta considerar o que acontece se houver um aumento na quantidade de dinheiro. Esse aumento é considerado ruim porque favorece aqueles que recebem o novo dinheiro primeiro às custas dos outros; nunca acontece de forma a deixar as relações entre os indivíduos inalteradas. Tomemos a seguinte situação. Imagine o mundo como o nosso mundo é, você sabe. Algumas pessoas possuem dinheiro e também reclamam dinheiro, afirmam ter recebido dinheiro de outra pessoa; eles são credores. Então também há pessoas que são devedoras, que têm dívidas em dinheiro. Agora imagine um segundo mundo que é precisamente o mesmo que o primeiro, exceto por uma coisa, que onde quer que haja uma quantidade de dinheiro disponível, uma retenção de caixa ou uma demanda por dinheiro no primeiro mundo, haverá no segundo mundo o dobro disso. Isso significa que tudo é o mesmo em ambos os mundos, nada é alterado, exceto algo na aritmética. Tudo no segundo mundo é multiplicado por dois. Então você dirá: “Não faz nenhuma diferença para mim se eu vivo no primeiro ou no segundo mundo. As condições são as mesmas.” No entanto, se mudanças na oferta de dinheiro trouxessem isso, poderíamos pensar que isso também era apenas um problema de aritmética, a conta um problema para contadores; os contadores teriam que usar outras figuras, mas isso não mudaria as relações entre os indivíduos. Seria absolutamente desinteressante, imaterial, para as pessoas se estivessem vivendo em um mundo com números maiores ou menores para serem usados para contabilidade e escrituração. Mas a maneira como as mudanças no dinheiro realmente ocorrem em nosso mundo vivo não corresponde a isso. A maneira pela qual mudanças na quantidade de dinheiro são realmente provocadas no

mundo é diferente para pessoas diferentes e para coisas diferentes; as mudanças não ocorrem de forma neutra; algumas pessoas ganham às custas de outras. Isso significa, portanto, que se a quantidade de dinheiro for aumentada ou dobrada, ela afetará diferentes pessoas de forma diferente. Significa também que um aumento na quantidade de dinheiro não traz nenhuma melhoria geral das condições. Foi o que o economista francês Say apontou muito claramente no início do século XIX.

Poderíamos lidar com esse problema do ponto de vista do mercado mundial e do Banco Mundial. Suponha que haja algumas pessoas que pensam que a melhor solução para o problema monetário seria um papel-moeda mundial, emitido por um banco mundial ou uma instituição mundial, um escritório mundial e assim por diante. E agora suponha que temos tal coisa. Muitas pessoas querem ter. Eles acham que seria uma ideia maravilhosa. Haveria em algum lugar, possivelmente na China, um escritório para o mundo inteiro. E só esse cargo aumentaria a quantidade de dinheiro. Sim! Mas quem receberia essa quantidade adicional de dinheiro? Não existe um método de distribuição que seja satisfatório para todos. Ou digamos que o banco internacional que emite um dinheiro mundial para todos os países queira aumentar a quantidade de dinheiro porque, dizem, agora nascem mais pessoas. Tudo certo; Dê isso a eles. Mas então a questão é quem recebe o dinheiro adicional? Todos, todos os países, diriam a mesma coisa: “A quantidade que temos é muito pequena para nós”. Os países ricos dirão: “Como a cota per capita de dinheiro em nosso país é maior do que nos países pobres, devemos obter uma parte maior.” O país pobre dirá: “Não, pelo contrário. Como eles já têm uma parte maior do dinheiro per capita do que nós, nós devemos obter uma quantidade adicional de dinheiro.” Portanto, todas essas discussões sobre, digamos, a Conferência de Bretton Woods [1944], foram absolutamente inúteis, porque nem mesmo abordaram a situação em que poderiam lidar com o problema real que, tanto quanto eu pense, nenhum dos delegados e nenhum dos governos locais que enviaram esses delegados sequer entenderam. Haverá uma tendência para preços mais altos nos países que estão recebendo essa quantidade adicional e aqueles que a receberem primeiro estarão em condições de pagar preços mais altos. Então outras pessoas vão querer mais, você sabe. E os preços mais altos retirarão mercadorias e serviços de outras nações que não obtiveram esse novo dinheiro ou que não têm uma quantidade suficiente dele.

É muito fácil escrever em um livro-texto dizendo que o dinheiro deve ser aumentado a cada ano em 5% ou 10% e assim por diante. Ninguém fala em diminuir a quantidade de dinheiro; eles querem apenas aumentá-lo. As pessoas dizem: “À medida que a produção econômica - ou a população - está aumentando, é necessário mais e mais dinheiro, mais liquidez.” Quero repetir o que disse que é muito importante; não há como aumentar - ou diminuir -, a quantidade de dinheiro de forma neutra. Esse é um dos grandes erros que é muito popular. E isso trará uma luta entre todos os países, ou grupos de países, por quaisquer que sejam as unidades deste sistema.

Mas normalmente ninguém precisa de mais e mais dinheiro em geral. E se se aumenta o dinheiro, nunca se pode aumentar a quantidade de forma neutra, de forma que não favoreça as condições econômicas de um grupo em detrimento de outros grupos. Isso é, por exemplo, algo que não foi percebido neste grande erro - não encontro uma palavra bonita para descrevê-lo - ao iniciar o Fundo Monetário Internacional. Mesmo aquele terrível ignorante que se chamava Lord Keynes não tinha a menor ideia disso. Nem as outras pessoas. Não foi tudo culpa dele - por que eles permitiram que ele fizesse isso?

*É impossível ter um dinheiro que é feito apenas pelo governo, feito pelo governo mundial, se não for de uma vez por todas limitado em sua quantidade.* E limitar a quantidade de dinheiro não é algo que aqueles que estão sugerindo que essas coisas querem que aconteça. Tal estado de espírito não pode prevalecer. Em relação a uma moeda, que ao contrário do padrão-ouro não é aumentada exceto quando é aumentada pela situação dada da mineração de ouro, aumentar sua quantidade não é apenas um problema quantitativo; é, antes de tudo, um problema de a quem este aumento deve ser dado. Portanto, todas aquelas ideias de que se poderia trazer uma moeda mundial completamente produzida e operada por alguma instituição mundial são simplesmente baseadas em um completo mal-entendido, na ignorância do problema da não neutralidade do dinheiro, do fato de que aumenta ou os acréscimos ao dinheiro não podem ser tratados de uma forma que seja reconhecida por todas as pessoas como uma distribuição “justa”.

## 20. Conclusão

Devemos perceber que o dinheiro pode operar, pode funcionar, apenas se tivermos um sistema no qual o governo seja impedido de manipular o valor do dinheiro. Não precisamos perguntar se é melhor ter um dinheiro com maior ou menor poder aquisitivo por unidade. O que devemos perceber é que não devemos ter um sistema de dinheiro em que o valor da unidade monetária esteja nas mãos do governo para que o governo possa operar, manipular o mercado monetário da maneira que quiser.

Se o governo destrói o sistema monetário, ele destrói talvez o fundamento mais importante da cooperação econômica inter-humana. O que devemos evitar é permitir que o governo aumente a quantidade de dinheiro que quiser. Você vai perguntar por que eu não digo que devemos impedir o governo de diminuí-lo. Claro, eles também não deveriam diminuir a oferta de dinheiro. Mas não há perigo de que isso seja feito. O governo não vai querer fazer isso porque seria caro; teria que tributar, arrecadar dinheiro do povo e depois não gastá-lo, mas destruí-lo. O que é necessário é evitar que o governo destrua o sistema monetário com a inflação. Logo a quantidade de dinheiro não deve ser manipulada pelo governo, segundo a vontade de quem quer gozar uns minutos, umas horas, uns dias.

A questão fundamental do dinheiro é que deve ser algo que não pode ser aumentado por ninguém *ad libitum*. A luta dos governos contra o dinheiro já havia começado muito antes da invenção da imprensa por Gutenberg. Mas naquela época o método era diferente. O método foi por recorte de moedas, depreciação da moeda, misturando nas moedas de prata um metal mais barato como o cobre. A inflação é muito mais fácil agora com a impressora. Não faz nenhuma diferença para o governo em seu custo de produção, se ele produz uma nota de um dólar ou uma nota de mil dólares. O papel e as quantidades de outros materiais são exatamente iguais.

Resumidamente, temos que dizer que, se um governo arrecada tudo o que gasta tributando o povo, e se as condições constitucionais são tais que os próprios contribuintes devem dar ao governo o direito de cobrar impostos e o governo é impedido de tributar, de arrecadar quaisquer impostos que não sejam legalmente baseados no consentimento do povo, então poderíamos

esperar que as condições se desenvolvessem de tal forma que as gerações posteriores desfrutassem de uma vida mais, digamos, civilizada e confortável do que seus ancestrais e que as condições iriam melhorar consideravelmente. Poderíamos então dizer que as condições eram melhores porque muitos males para os quais as gerações anteriores não tinham remédio já não eram tais males. Poderíamos então realmente falar sobre o progresso. Mas se tivermos inflação, e inflação crescente, estamos trabalhando continuamente contra os interesses vitais da maioria da população.

Temos muito orgulho de reconhecer o progresso da tecnologia e principalmente da tecnologia médica ao longo dos últimos séculos, que tornou as condições muito mais toleráveis para grande parte da população, de modo que hoje as pessoas não são mais prejudicadas por deficiências e problemas que realmente eram. perigos muito graves para a vida e a saúde das pessoas há 20, 100, 200 anos. No entanto, ao inflar, estamos criando uma situação que desestimula a poupança e o investimento, que tornaram possível o progresso tecnológico. Ao mesmo tempo, ao inflar, as pessoas que envelhecem são continuamente punidas pela perda do poder de compra das reservas que acumularam para a própria velhice e para as circunstâncias familiares à medida que se desenvolverão com o passar do tempo. Nós também temos que entender que a inflação é o resultado necessário das políticas financeiras adotadas atualmente pela maioria dos governos do mundo.

O que podemos dizer foi dito repetidas vezes. Teoricamente também seria possível ter um papel-moeda criado pelo governo sem inflação. Possivelmente! Mas devemos perceber que não é a culpa dos estadistas e dos membros dos órgãos parlamentares que têm que determinar essas coisas quando dizemos que eles não são anjos. Se fossem anjos, podia-se confiar que nunca cometeriam erros. Mas para os homens comuns permanece - e este é o grande problema - o dilema a que me referi antes: o dilema entre um imposto muito impopular e uma despesa muito popular às vésperas de uma campanha eleitoral!

Enquanto as pessoas falam sobre muitas coisas como se fossem ruins e fazem sugestões sobre a melhoria de muitas condições, elas não percebem que existe um fator que causa, não apenas um comprometimento das condições econômicas para a maior parte da população, mas também

destrói a cena política, criando continuamente novas causas de agitação. Esta causa é a inflação. Mas é claro que os governos que são responsáveis pela inflação sempre querem culpar outras pessoas, para descobrir que as ações de outras pessoas, e não suas próprias ações, causaram a inflação.

Devemos dizer que o que cria a inflação é o famoso “remédio” para os problemas do governo, o “remédio” que as pessoas acreditavam ter sido descoberto há alguns anos, mas que foi realmente descoberto pelos imperadores romanos - o gasto deficitário. Os gastos deficitários possibilitaram ao governo gastar mais dinheiro do que tinha e que arrecadou do povo. Como todos sabem, o gasto deficitário, ou seja, gastar mais do que a própria renda, é muito ruim para o indivíduo. O grande erro é que as pessoas acreditam que o que é ruim para o indivíduo não é necessariamente ruim também para todos os indivíduos juntos. Esse é o grande erro. E se esse erro não for eliminado muito em breve.

O que temos de enfrentar hoje é o fato de que, com um padrão-ouro estrito e um padrão-ouro de troca, podemos arranjar condições de maneira que esse ouro metálico possa ser usado como meio de troca. E se você ou alguém perguntasse, o que você sugeriria se não houvesse ouro e prata no mundo? O que você teria sugerido?

Esta é uma resposta muito simples para isso. A resposta é que ouro e prata não são necessariamente os únicos meios que podem desempenhar a função de sistema monetário se as pessoas perceberem que a quantidade de dinheiro deve ser estritamente limitada por algum método. Agora não temos nenhum outro método.

Como vemos a situação hoje, mesmo os mais poderosos, mais morais, eu diria, os governos mais intelectuais do mundo - mesmo se eu atribuísse todos esses atributos ao governo americano - não estão preparados para resistir à inflação, para ir longe de aumentar a quantidade de dinheiro.

## Notas

1 - Uma das grandes moedas de prata cunhadas nos estados e territórios do Sacro Império Romano e da monarquia dos Habsburgo durante o período moderno.

2 - Falando em outra ocasião (30 de abril 1953) em seu seminário na NYU, Mises não foi tão discreto; lá ele identificou o país cujos títulos ele estava discutindo como sendo a Suécia.

3 - A maioria do Tribunal considerou em fevereiro de 18 de fevereiro de 1935, nos casos da Cláusula Ouro que, *os reclamantes não foram prejudicados pela revogação da cláusula ouro porque não mostraram que, em relação ao poder de compra, haviam sustentado qualquer perda.*

4 - Mises estava se referindo aos distúrbios estudantis que aconteceram em Paris na primavera de 1968. Os britânicos haviam desvalorizado a libra em 18 de novembro de 1967 de U\$2,80 para U\$2,40 e houve uma crise internacional do ouro em março de 1968. Os franceses queriam retornar ao padrão-ouro. Em maio, “estudantes rebeldes na Sorbonne e em outros lugares, rebelaram-se, lutaram contra a polícia e se juntaram a alguns dos 10 milhões de trabalhadores que lançaram greves em todo o país e tomaram muitas fábricas. A nação ficou quase completamente paralisada. ” Finalmente, depois que os aumentos salariais foram concedidos aos grevistas e os tanques do Exército foram chamados, a normalidade foi devolvida no início de junho. Veja *World Almanac*, 1969, p.63, 73, 512-513.

5 - O presidente Lyndon Johnson anunciou, em seu “Discurso sobre o Estado da União” de 8 de janeiro 1964 uma “guerra incondicional contra a pobreza na América”. O dinheiro foi destinado especialmente para “as áreas cronicamente angustiadas dos Apalaches”. (*World Almanac*, 1965, p.412). Até dezembro daquele ano, o Congresso havia destinado 748,2 milhões de dólares para vários projetos nos Apalaches e partes de outros

dez estados, principalmente para rodovias e novos empregos. (*World Almanac*, 1965, p.42-47 )

6 - “[E] aqui está uma boa chance de que estudantes americanos tenham que ler seu livro [GF Knapp, *Staatliche Theorie des Geldes*, Leipzig, 1905] se eles desejarem entender a próxima década da história monetária alemã. Será bom para a Alemanha se este não for o caso! ”. B.M. Anderson, *O valor do dinheiro*. Nova York: Macmillan, 1917. p.435.

7 - Cidadãos americanos recuperaram o direito de possuir ouro somente depois que Mises morreu em 1973. A legislação a partir de 31 de dezembro de 1974, as vendas de ouro foram retomadas em janeiro de 1975.

8 - Charles I foi decapitado em 30 de janeiro de 1649.

9 - Jean-Baptiste Say (1767 - 1832)

10 - A doutrina deriva principalmente dos ensinamentos do britânico Lord John Maynard Keynes de que a inflação por meio dos gastos do governo era a solução para qualquer recessão econômica.

11 - Discussões sobre “pressões inflacionárias” e “diretrizes” datam dos anos 60. Naquela época, as empresas estavam aumentando os preços e as taxas salariais porque o governo havia expandido tanto a quantidade de dinheiro do país e os funcionários do governo estavam tentando persuadir as empresas privadas a manter os aumentos de preços e salários abaixo de 3,2%. Esse foi o máximo considerado permitido “sob as diretrizes voluntárias do presidente [ou “orientações”] para aumentos de preços e salários não inflacionários”. E o presidente Johnson ameaçou um aumento de impostos se as “pressões inflacionárias” não cessassem. Veja *World Almanac*, 1967, p. 60-61.

12 - Essas palestras foram ministradas por Mises nos anos 60.

13 - Em 1969 o FMI criou os Direitos Especiais de Saque, às vezes chamados de “ouro em papel”, destinados a complementar as reservas bancárias existentes.

14 - Quando um membro da plateia de Mises uma vez perguntou o que ele achava de “ouro de papel”, ele respondeu: “Você deveria perguntar aos alquimistas”.

# Table of Contents

[Introdução](#)

[1. Cooperação Humana](#)

[2. O Meio de Troca: O Dinheiro](#)

[3. O Papel dos Tribunais e Juízes](#)

[4. Ouro como Dinheiro](#)

[5. Inflação do Ouro](#)

[6. Inflação](#)

[7. A Inflação Destrói a Poupança](#)

[8. Inflação e Controles Governamentais](#)

[9. Dinheiro, Inflação e Guerra](#)

[10. O Lado Constitucional da Inflação](#)

[11. Capitalismo, os Ricos e os Pobres](#)

[12. A Desvalorização da Moeda nos Tempos Antigos](#)

[13. Muitos Professores de Economia Acreditam no Aumento da Quantidade de Dinheiro](#)

[14. Dois Problemas Monetários](#)

[15. Financiamento da Dívida e Expansão de Crédito](#)

[16. Expansão do Crédito e o Ciclo Econômico](#)

[17. Doutrina da Balança de Pagamentos, Paridade do Poder de Compra e Comércio Internacional](#)

[18. Liquidez Interbancária: Reservas Bancárias](#)

[19. O Mundo Precisa de um Banco Mundial e de Mais Dinheiro?](#)

[20. Conclusão](#)

[Notas](#)